

INSTITUTO SUPERIOR MIGUEL TORGA

Escola Superior de Altos Estudos

HOMO E HETEROSSEXUAIS: O PAPEL DAS MEMÓRIAS DE
VERGONHA, DAS MEMÓRIAS PRECOSES DE CALOR E
SEGURANÇA, E QUALIDADE DE VINCULAÇÃO AO PAI, À
MÃE E AO PAR AMOROSO

CARLOS ALBERTO MARTINS MARQUES SEPODES

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, Ramo de Especialização em
Psicoterapia e Psicologia Clínica

Coimbra, 2014



Homo e Heterossexuais: O Papel das Memórias de Vergonha, das
Memórias Precoces de Calor e Segurança, e Qualidade de Vinculação
ao Pai, à Mãe e ao Par Amoroso

CARLOS ALBERTO MARTINS MARQUES SEPODES

Dissertação Apresentada ao ISMT para Obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Clínica,
Ramo de Especialização em Psicoterapia e Psicologia Clínica
Orientadora: Professora Doutora Marcela Salomé Albuquerque Andrade Matos, Professora
Auxiliar colaboradora do ISMT

Coimbra, março de 2014

“Pensar não é nem um fio estendido entre o sujeito e o objeto,
nem uma revolução de um em torno do outro.
Pensar se faz antes na relação entre o território e a terra”
(Deleuze e Guattari, 1992, em *O Que è a Filosofia?*)

Sumário

As experiências precoces de vergonha, na infância e adolescência, cujas memórias assumem características traumáticas, e de centralidade para a identidade, estão associadas a maior propensão para a vergonha e psicopatologia na adultez.

O presente estudo visou clarificar o impacto das características traumáticas e da centralidade, das memórias de vergonha, e das memórias precoces de calor e segurança, na qualidade de vinculação aos pais e ao par amoroso, apreciando a orientação sexual.

Nesse sentido, 123 sujeitos, homossexuais masculinos ($N = 53$) e heterossexuais masculinos e femininos ($N = 70$), completaram a bateria de questionários de autorresposta, para avaliar as características traumáticas e a centralidade das memórias de vergonha, as memórias precoces de calor e segurança, a qualidade de vinculação ao pai, à mãe e ao par amoroso, recolhidos a partir de amostra de conveniência não aleatória da população geral.

Os resultados mostram que os homossexuais, comparativamente com os heterossexuais, apresentam níveis mais elevados de características traumáticas e de centralidade para a identidade, das memórias de vergonha, a par de níveis inferiores de memórias precoces positivas. As características traumáticas e de centralidade, das memórias de vergonha, surgem associadas, com intensidade tendencialmente superior nos homossexuais, à restrição da aquisição de autonomia, conferida pelo pai, à sua desvalorização e à ansiedade de separação materna. O vínculo inseguro, aos progenitores, perpetua-se à adultez e ao par amoroso.

Relativamente aos heterossexuais, apurámos que o laço emocional e a ansiedade de separação e dependência, paterna e materna, surgem associados a maior confiança e menor evitamento, respetivamente, ao par amoroso. Paralelamente, a ansiedade de separação e dependência materna surge, ainda, associada a maior dependência daquela figura.

Este estudo conclui que as experiências precoces de vergonha, na infância e adolescência, podem funcionar como memórias com características traumáticas e autobiográficas, constituir marcos de referência centrais no que concerne à identidade e história de vida, sobretudo em homossexuais, com atribuição de significado a outras experiências de vida, nomeadamente no que respeita à vinculação ao par romântico.

Palavras-chave: memórias de vergonha, memória traumática, memórias de calor, vinculação, homossexuais, heterossexuais.

Abstract

Early experiences of shame, in childhood and adolescence, whose memories assume traumatic characteristics, and centrality to identity, are associated with greater propensity to shame and psychopathology in adulthood.

The present study aimed to clarify the impact of traumatic features and centrality to identity of shame memories, and of early memories of warmth and safety, on quality of attachment to parents and the loving couple's bond, considering sexual orientation.

Accordingly, 123 subjects, male homosexuals ($N = 53$) and male and female ($N = 70$) heterosexuals, completed the battery of self-report questionnaires, to assess trauma characteristics and centrality of shame memories, early memories of warmth and safeness, quality of attachment to the father, mother and loving couple, collected from a non-random convenience sample from general population.

The results point that homosexual men, compared with heterosexuals, show higher levels of traumatic characteristics and centrality to identity of shame memories, along with lower levels of early positive memories. Traumatic characteristics and centrality of shame memories arise associated, tendentially with higher intensity in homosexuals, to restriction of autonomy's acquisition, conferred by the father, his devaluation and maternal separation anxiety. The unsecured bond, to parents, perpetuates into adulthood and loving couple.

Regarding heterosexuals, we found that emotional bond and separation anxiety and dependency, paternal and maternal, arise associated with greater confidence, and less avoidance, respectively, to the loving couple. Further, separation anxiety and mother's dependency also appears associated with greater dependency to that figure.

This study concludes that early experiences of shame, in childhood and adolescence, might function as memories with traumatic and autobiographical characteristics, produce landmarks of central reference regarding identity and life's history, particularly in homosexual, with attribution of meaning to other life experiences, particularly in the linking to the romantic couple.

Keywords: Shame memories, traumatic memory, memories of warmth, attachment, homosexual and heterosexual.

Agradecimentos

Eis que chegou o momento de expressar os meus sinceros agradecimentos, a todos aqueles que de alguma forma, direta ou indiretamente, prestaram o seu contributo no decurso do Mestrado em Psicologia Clínica, ramo de especialização em Psicoterapia e Psicologia Clínica, sem os quais este estudo não teria sido possível.

Um agradecimento muito especial à Professora Doutora Marcela Matos, pela competência, empenho, profissionalismo, orientação e apoio científico. Reconheço igualmente a confiança que depositou em mim, as palavras de incentivo, as inesquecíveis e sábias orientações que, indubitavelmente, contribuíram para o culminar de mais uma etapa académica.

À minha filha Bárbara, à Su, e à minha mãe, o meu reconhecimento pelo apoio e compreensão perante os meus retiros e ausências.

Congratulo igualmente os amigos, em particular a Nelita, Graça Correia, Hélder Carneira, Jorge Venda, Patrícia Costa, Jorge Guerreiro, Joaquim Teixeira, Paula Ferreira, Adelaide Crestejo, Rita Reis, Dúnia Palricas, Diana Lopes e Linda Dias, entre outros, pelo apoio, carinho e motivação nesta batalha.

Agracio igualmente alguns professores que, de alguma forma e por bons motivos, marcaram profundamente o meu percurso académico. A salientar o Prof. Dr. António Frazão, Prof. Dra. Marcela Matos, Mestre Luís Simões, Mestre Elsa Rodrigues, Mestre Elisabete Ramos e Prof. Dra. Sónia Guadalupe.

Cumpre-me ainda distinguir, de forma peculiar, todos aqueles que se prontificaram a participar e a constituir a amostra desta investigação, cuja colaboração foi particularmente preciosa, e indispensável, para a concretização deste estudo.

Finalmente, agradeço a todos aqueles que, embora não nomeados, souberam brindar-me com os seus inestimáveis apoios, e palavras de apreço, em momentos distintos.

Bem Hajam!

Índice

Introdução	1
Objetivos	5
Metodologia	6
Diferenças entre as variáveis idade, estado civil, nível de escolaridade e socioeconómico ..	7
Caraterização das amostras relativamente à existência da relação amorosa atual	8
Instrumentos.....	8
Procedimentos.....	11
Procedimentos estatísticos	11
Resultados.....	12
Estudo I - Estudo comparativo entre o grupo de participantes homo e heterossexuais, relativamente às caraterísticas traumáticas (IES-R) e à centralidade das memórias de vergonha (CES), às memórias precoces de calor e segurança (EMWSS), à qualidade de vinculação ao pai e à mãe (QVPM), e à qualidade de vinculação ao par amoroso (QVA).	12
Estudo II - Estudo da relação entre as caraterísticas traumáticas, a centralidade para a identidade das memórias de vergonha, as memórias precoces de calor e segurança e a qualidade do vínculo ao pai, à mãe e ao par amoroso.....	14
Discussão	21
Conclusão.....	29
Bibliografia	31
Anexos	
Anexo 1: Breve Explicação do Estudo	
Anexo 2: Dados Sociodemográficos	
Anexo 3: IES-R – Impact of Event Scale Revised	
Anexo 4: CES – The Centrality of Event Scale	
Anexo 5: EMWSS – Early Memories of Warmth and Safeness Scale	
Anexo 6: QVPM – Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe	

Anexo 7: QVA – Questionário de Vinculação Amorosa

Índice de Tabelas

Tabela 1: Caraterização e comparação dos grupos em análise	7
Tabela 2: Caraterização das amostras relativamente à existência da relação amorosa atual....	8
Tabela 3: Médias, desvio-padrão e respetivos testes <i>t-Student</i> das variáveis em estudo.....	13
Tabela 4: Correlações de <i>Pearson</i> relativas à amostra homo e heterossexual.....	21

Lista de Siglas

ASD – Ansiedade de Separação e Dependência

CES – Escala da Centralidade do Acontecimento

e.g. – *Exempli gratia* (Por exemplo)

EMWSS – Escala de Memórias Precoces de Calor e Segurança

i.e. – Isto é

IEI – Inibição da Exploração e Individualidade

IES-R – Escala do Impacto do Acontecimento – Revista

DP – Desvio Padrão

M – Média

N - Frequências Absolutas

% - Frequências Relativas

QLE – Qualidade do Laço Emocional

QVA – Questionário de Vinculação Amorosa

QVPM – Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe

SPSS – Statistical Package for Social Sciences

t – Teste *t-Student*

χ^2 - Teste do Qui Quadrado

Introdução

O interesse pela vergonha, enquanto emoção central no funcionamento humano, tem sido multiplicado nas últimas décadas (Claesson e Sohlberg, 2002). Embora a vergonha e a culpa sejam de natureza autoconsciente, negativas, e causem sofrimento intrapsíquico, a primeira é considerada mais dolorosa e dirigida por sanções de natureza externa (Wallbott e Scherer, 1995), ou seja, de carácter constitutivamente social (Teroni e Deonna, 2008). Por outro lado, a tendência excessiva para sentir vergonha, parece emergir de autorrepresentações internas negativas do *self*, derivadas de experiências prévias de ser envergonhado por outros (Nathanson, 1994).

O Modelo Evolutivo Biopsicossocial conceptualiza a vergonha como resposta emocional defensiva, inata, relacionada com a motivação comum a todos os humanos, para estabelecer relações sociais e de vinculação, estimulando o afeto positivo na mente dos outros, e percebido por estes como agentes sociais atrativos, com quem é vantajoso concriar papéis sociais (Gilbert, 2003, 2006, 2007).

Gilbert (2003, 2006) propõe duas categorias para conceptualizar a vergonha, nomeadamente a vergonha interna e externa. A vergonha externa surge do que pensamos que os outros estão a pensar, ou a ver-nos de forma negativa (e.g., inadequado, incapaz, defeituoso). Por outro lado, a vergonha interna tem origem na percepção do *eu* como indesejado, defeituoso e incapaz, refletindo a percepção de que, socialmente, o sujeito não é o que gostaria de ser. A internalização da opinião de terceiros, acerca de nós, exerce uma função adaptativa através do ajustamento comportamental, oriundo da auto e heteroavaliação, de forma a facilitar a aceitação social (Gilbert, 2006).

Nesse sentido, as reações de vergonha, segundo o Modelo Biopsicossocial de Gilbert (2003), estão intensamente relacionadas com situações que colocam em causa a imagem do próprio (e.g., avaliação global negativa) e, portanto, associadas à percepção de não corresponder a padrões sociais, sentidos como ameaça do eu.

Diversos estudos apontam a relação da vergonha com o desenvolvimento de psicopatologia (Gilbert, 2000; Pinto-Gouveia e Matos, 2011), nomeadamente a depressão (Gilbert e Irons, 2005; Tangney e Dearing, 2002), ansiedade (Irons e Gilbert, 2005), ansiedade social (Gilbert, 2000), perturbação de stress pós-traumático (Lee, Scragg e Turner, 2001), perturbações do foro alimentar (Troop, Allan, Serpell e Treasure, 2008), perturbações de personalidade e dissociação (Talbot, Talbot e Tu, 2004). Paralelamente, outros estudos (Matos e Pinto-Gouveia, 2010; Matos, Pinto-Gouveia e Costa, 2013) indicam que

determinadas experiências precoces aumentam a vulnerabilidade para a vergonha, e psicopatologia, na adultez.

Os primeiros precursores das experiências precoces de vergonha são, geralmente, oriundos de interações adversas no seio familiar, particularmente a crítica parental, desvalorização, rejeição, preferência de irmão (Gilbert, Allan e Goss, 1996; Tangney e Dearing, 2002), negligência (Claesson e Sohlberg, 2002), ameaça e submissão (Gilbert, Cheung, Grandfield, Campey e Irons, 2003), abuso verbal, físico e sexual (Feiring, Taska e Lewis, 2002; Stuewig e McCloskey, 2005; Teicher, Samson, Polcari e McGreenery, 2006).

As experiências precoces de vergonha, na infância ou adolescência, assumem contornos de experiências emocionais negativas, cuja natureza sugere que a vivência desta emoção é suficientemente importante, distinta e desorganizadora (Gilbert, 1998, 2003; Kaufman, 1989; Lewis, 2008; Tangney e Dearing, 2002). Nesse sentido, as experiências de vergonha, com características traumáticas, podem funcionar como memórias traumáticas (Gilbert, 2002; Gilbert e Irons, 2005; Gilbert e Procter, 2006; Hackmann, Ehlers, Speckens, e Clark, 2004; Matos e Pinto-Gouveia, 2010), converter-se no alicerce das crenças pessoais (Gilbert, 2003), passíveis de se constituírem como eventos autobiográficos e centrais para a identidade pessoal e história de vida dos indivíduos ((Berntsen e Rubin, 2002, 2007; Brewin, Reynolds e Tata, 1999; Matos, Pinto-Gouveia e Gomes, 2010; Pinto-Gouveia e Matos, 2011; Rubin, 2005). Por outro lado, as crenças autorreferentes influenciam, na mesma medida, o processamento cognitivo, emocional, atencional e com correlatos neurofisiológicos (Gilbert, 2002, 2003; Kaufman, 1989; Lewis, 1992; Tomkins, 1981).

As investigações conduzidas por Matos e Pinto-Gouveia (2010; Matos, Pinto-Gouveia e Gomes, 2010) revelam que as experiências de vergonha, ocorridas na infância e adolescência, possuem características de memória traumática (e.g., sintomas de intrusão, evitamento e hiperativação), tendem a tornar-se centrais e autobiográficas, para a história e identidade dos indivíduos, incrementando a propensão para a vergonha e psicopatologia na adultez (Matos, Pinto-Gouveia e Costa, 2013; Matos, Pinto-Gouveia e Duarte, 2013; Matos, Pinto-Gouveia e Gomes, 2010).

Gilbert (1989) assegura que as emoções positivas constroem, consolidam relacionamentos e conduzem a comportamentos de aproximação, oriundos do sentimento de segurança. Nessa linha de pensamento, a recordação de memórias de calor e segurança, na infância, está associada à autocompaixão como processo de regulação emocional, sendo que ambas (i.e., experiências precoces positivas e autocompaixão) funcionam como fatores de proteção no desenvolvimento da sintomatologia depressiva e ansiosa na adolescência (Cunha,

Martinho, Xavier e Espírito-Santo, 2013).

Nesse sentido, as experiências precoces positivas, designadamente as de calor e segurança, surgem relacionadas com níveis mais elevados de autoestima, felicidade, menor sintomatologia depressiva (Richter, Gilbert e McEwan, 2009) e com a vinculação estabelecida com as figuras significativas (Cunha et al., 2013; Custódio, 2012; Martinho, 2012). Por outro lado, o estilo de vinculação é ainda associado a estilos e práticas educativas parentais (De Minzi, 2006). Paralelamente, face ao tipo de vinculação patente na infância, constitui-se uma matriz relacional que permite perpetuar o estilo de vinculação às relações subsequentes (Bowlby, 1969; Hazan e Shaver, 1987).

A validação emocional é iniciada na infância, através das experiências positivas de calor e segurança, conferidas pelos pais ou figuras cuidadoras, posteriormente desenvolvida ou bloqueada através do processo de socialização das emoções (Lourenço, Palmeira, Dinis e Pinto-Gouveia, 2010). Contudo, na infância e adolescência, os aspetos da vergonha são peculiarmente relevantes face à intensificação das competências sociais (Gilbert e Irons, 2009). Desta forma, a aquisição de competências emocionais adaptativas na vida adulta, está positivamente relacionada com a vinculação segura na infância (Gilbert, 2002), onde as relações afetivas propiciam modelos positivos do eu e do *outro*.

A Teoria da Vinculação assenta no protótipo do desenvolvimento emocional, defendendo que a qualidade da parentalidade é primordial no desenvolvimento da criança e posteriormente nas relações adultas (Bowlby, 1988). A ligação da mãe à criança revela, desta forma, ser o modelo de relações subsequentes, promover expectativas e assunções acerca do próprio, dos outros, e suscetível de influir a competência social e o progresso emocional ao longo da vida (Skolnick, 1986). O modelo atribui, igualmente, um conceito universal e transcultural à vinculação, independentemente do género e orientação sexual (Mikulincer e Shaver, 2007). Nesse sentido, Kurdek (2002) advoga que o constructo de vinculação no adulto é idêntico, nos relacionamentos íntimos, independentemente da orientação sexual.

Vinculação é definida por Bowlby (1969, 1973) e Ainsworth (1989) como laço afetivo que une o sujeito a outro, persistente no tempo e manifestado na busca de proximidade em momentos de necessidade ou ameaça (Bowlby, 1988). A relação diádica promove, assim, comportamentos de proximidade, ou contacto, com a figura cuidadora e define os comportamentos de vinculação (Ainsworth, 1991). O processo de vinculação permite edificar o sentido de singularidade e unidade pessoal, através da experiência de envolvimento numa relação privilegiada, com figuras significativas (Cerdeira, 2009), em função do sistema de cuidados da figura parental (Sroufe, 1990).

A qualidade do vínculo estabelecido na díade é ditada pela capacidade de consistência, responsividade, sensibilidade e disponibilidade da mãe, ou figura cuidadora, face às necessidades de proximidade e segurança da criança, quando requeridas (Bowlby, 2003). A capacidade de resposta às solicitações da mesma, proporciona sentimentos distintos (e.g., segurança, ameaça, fúria ou depressão), define a internalização de representações mentais do ambiente, das figuras de vinculação e, eventualmente, do próprio (Bowlby, 1969).

As representações mentais permitem prever comportamentos, influenciar padrões de interação, nas relações de proximidade emocional, disciplinar o comportamento de vinculação, cuja natureza é tendencialmente resistente à mutação (Rodrigues, Figueiredo, Pacheco, Costa, Cabeleira e Magarinho, 2004) e com impacto nos relacionamentos adultos (Collins e Read, 1994; Feeney e Noller, 1996). Nessa linha de pensamento, o amor romântico por um parceiro é, igualmente, um processo de vinculação, ao qual não é alheio o passado histórico de vinculações precoces (Hazan e Shaver, 1987).

Ainsworth, Blehar, Waters e Wall (1978) identificam três padrões de vinculação, em crianças e cuidadores (e.g., seguro, inseguro ambivalente e inseguro evitante), posteriormente reconhecidos por Hazan e Shaver (1987) como apropriados à vinculação em adolescentes e adultos.

Bartholomew e Horowitz (1991) dicotomizam as duas dimensões do self e do outro, em positivo e negativo, sendo que ao modelo do self associa-se o grau de ansiedade e dependência nas relações próximas. Ao modelo do outro é associado o grau de responsividade, disponibilidade, ou evitamento (Bartholomew e Shaver, 1998). A interseção dos modelos permitiu formular os quatro protótipos de vinculação.

No extremo das representações positivas, protótipo *Seguro*, os indivíduos manifestam moderados a elevados níveis de coerência e autoconfiança, abordagem positiva de si e dos outros. As relações primam pela qualidade, mutualidade, intimidade e envolvimento. Relativamente ao protótipo *Preocupado*, os sujeitos expressam maior dependência, baixa autoestima e autoconfiança, ciúme, possessividade excessiva, incongruente expressividade e elevada ansiedade face a situações de separação. Os relacionamentos assumem contornos sufocantes, o que evidencia um modelo de si tendencialmente negativo, a par de um modelo do outro no extremo positivo (Bartholomew e Horowitz, 1991).

O protótipo *Desinvestido* caracteriza-se pela frieza emocional, racionalidade, moderada a elevada autoconfiança, desvalorização dos relacionamentos, supressão de sentimentos pessoais, fraca intimidade, débil expressividade e procura de proximidade depreciada. Nestes sujeitos o modelo de representação do self é positivo, e o do outro negativo. Por último, o

protótipo *Amedrontado*, no extremo das representações negativas, caracteriza-se pela vulnerabilidade, insegurança e medo da rejeição, o que justifica o evitamento e ambivalência da intimidade. Face à dependência, nas relações íntimas, estes sujeitos não procuram a proximidade e o conforto dos outros (Bartholomew e Horowitz, 1991).

Apesar dos inúmeros estudos que realçam a importância das memórias de experiências precoces de vergonha (Matos e Pinto-Gouveia, 2010; Matos, Pinto-Gouveia e Gomes, 2010), estes aspetos nunca foram investigados tendo em conta a vinculação aos progenitores, e ao par amoroso, apreciando a orientação sexual.

Objetivos

Esta dissertação teve o intuito de estudar as características traumáticas e a centralidade para a identidade, das memórias de vergonha, as memórias precoces de calor e segurança, a qualidade de vinculação ao pai, à mãe e ao par amoroso, em sujeitos homossexuais masculinos e heterossexuais masculinos e femininos. Nesse sentido, procedeu-se à revisão de literatura relacionada com a temática em análise. Contudo, constatou-se a inexistência de investigações que examinem aquelas variáveis, apreciando a orientação sexual dos participantes. Partindo do objetivo geral, deste estudo, foram esboçados objetivos específicos, os quais serviram de linha orientadora à condução de diversos estudos.

Um primeiro objetivo específico visou examinar a existência de diferenças nas características traumáticas e centralidade das memórias de vergonha, nas memórias precoces de calor e segurança, na qualidade de vinculação ao pai, à mãe e ao par amoroso, entre indivíduos homo e heterossexuais. A literatura, embora rara no âmbito da temática, referiu que os sujeitos homossexuais reportam mais rejeição e relacionamento distante com o pai na infância (Milic e Crowne, 1986; Phelan, 1996; Thompson, Schwartz, McCandless e Edwards, 1973). Paralelamente, a rejeição paterna, nos homossexuais, foi preditora do vínculo ansioso no adulto, associada à vinculação evitante, e com impacto no vínculo ao par romântico (Landolt, Bartholomew, Saffrey, Oram e Perlman, 2004).

Nesse sentido, foi formulada a hipótese dos sujeitos homossexuais, comparativamente com os heterossexuais, apresentarem níveis mais elevados de características traumáticas e de centralidade das memórias de vergonha, recordarem menores experiências precoces positivas e reportarem tendência para vinculação insegura, sobretudo ao pai e ao par amoroso.

Um segundo objetivo, pretendeu estudar a relação entre as características traumáticas das memórias de vergonha, a centralidade para a identidade das memórias de vergonha, as memórias precoces de calor e segurança e a qualidade de vínculo ao pai, à mãe e ao par amoroso, ponderando igualmente a orientação sexual. Relativamente a este objetivo as

hipóteses formuladas foram no sentido de verificar-se: 1) associações significativas entre as características traumáticas, a centralidade para a identidade e a qualidade de vinculação ao pai e à mãe; 2) correlações significativas entre as memórias precoces de calor e segurança e a qualidade de vinculação ao pai e à mãe; 3) associações significativas entre as características traumáticas, a centralidade para a identidade e a qualidade de vínculo ao par amoroso; 4) correlações inversas entre as memórias precoces de calor e segurança e o vínculo ao par amoroso; 5) associações significativas entre a qualidade de vínculo ao pai, à mãe e ao par amoroso.

Metodologia

No sentido de se alcançarem os objetivos propostos, procedeu-se à elaboração de um estudo transversal, com o propósito de avaliar amostra não aleatória de conveniência. Como critérios de inclusão consideraram-se todos os sujeitos maiores de idade, preferencialmente de nacionalidade Portuguesa. A amostra foi recolhida entre fevereiro e maio de 2012, composta por 123 sujeitos, nomeadamente homossexuais masculinos e heterossexuais masculinos e femininos. Excluíram-se todos os sujeitos sem o 6º ano de escolaridade, no intuito de garantir a capacidade de compreensão e resposta aos questionários.

O grupo constituído exclusivamente por homossexuais masculinos foi composto por 53 sujeitos, com uma idade média de 37,04 anos ($DP = 7,736$), sendo que 52,8% são solteiros ($n = 28$), 20,8% estão em união de fato ($n = 11$), 1,9% são viúvos ($n = 1$), 22,6% são divorciados ($n = 12$) e 1,9% são casados ($n = 1$). Relativamente ao nível de escolaridade 5,7% da população possui o 12º ano ($n = 3$), 15,1% possui formação técnica ou ensino superior ($n = 8$), 60,4% possui bacharelato ou licenciatura ($n = 32$) e 18,8% mestrado ou doutoramento ($n = 10$). Em termos profissionais constatou-se que 60,4% dos sujeitos possui um nível socioeconómico (NSE) alto ($n = 32$), 28,3% com NSE médio ($n = 15$), 1,9% com NSE baixo ($n = 1$) e 9,4% são estudantes ($n = 5$).

O grupo heterossexual foi constituído por 70 sujeitos, dos quais 60% são femininos ($n = 42$) e 40% masculinos ($n = 28$). Apresentou uma média de idade de 37,66 anos ($DP = 8,548$), sendo que 30,0% dos sujeitos são solteiros ($n = 21$), 1,4% estão em união de fato ($n = 1$), 1,4% são viúvos ($n = 1$), 1,4% são divorciados ($n = 1$) e 65,8% são casados ($n = 46$). Quanto ao nível de escolaridade 2,9% da população possui o 6º ano ($n = 2$), 5,7% possui o 9º ano ($n = 4$), 15,7% possui o 12º ano ($n = 11$), 7,1% possui formação técnica ou ensino superior ($n = 5$), 64,3% possui bacharelato ou licenciatura ($n = 45$) e 4,3% mestrado ou doutoramento ($n = 3$). Em termos profissionais verificou-se que 15,7% possui um NSE alto ($n = 11$), 74,3% com NSE médio ($n = 52$), 8,6% com NSE baixo ($n = 6$) e 1,4% é inativo ($n = 1$) (ver Tabela 1).

Diferenças entre as variáveis idade, estado civil, nível de escolaridade e socioeconómico

No sentido de explorar a existência de diferenças ao nível das variáveis sociodemográficas, entre os dois grupos, foram realizados testes *t* de *Student* para amostras independentes nas variáveis contínuas, e testes de Qui-Quadrado nas variáveis categoriais.

Quanto à idade, constatamos inexistência de diferenças estatisticamente significativas, entre os grupos [$t_{(121)} = 0,414, p = 0,679$]. Contudo, homossexuais e heterossexuais distinguem-se, significativamente, nas restantes variáveis.

No que concerne ao estado civil apuramos haver mais homossexuais solteiros, em união de facto e divorciados. Nos heterossexuais predominaram os casados, sendo que os solteiros ocuparam a segunda posição [$\chi^2_{(4)} = 60,53, p < 0,001$]. Quanto ao Nível de Escolaridade os homossexuais destacaram-se, relativamente aos heterossexuais, com nível de escolaridade superior, sobretudo no que se refere às rubricas Formação Técnica/Ensino Superior, Bacharelato/Licenciatura e Mestrado/Doutoramento [$\chi^2_{(5)} = 15,17, p = 0,010$].

Relativamente ao Nível Sócio Económico (NSE) o grupo homossexual destacou-se significativamente no NSE Alto, Médio, Estudante e Baixo. O heterossexual evidenciou-se no NSE Médio, Alto, Baixo e Inativo [$\chi^2_{(4)} = 38,65, p < 0,001$] (ver Tabela 1).

Tabela 1

Caraterização e Comparação dos Grupos em Análise

Variáveis	Homossexuais (N = 53)		Heterossexuais (N = 70)		t-Test	p
	M	DP	M	DP		
Idade	37,04	7,74	37,66	8,55	0,414 χ^2	0,679 <i>p</i>
Sexo	N	%	N	%		
Masculino	53	100,0	28	40,0		
Feminino			42	60,0		
Total	53	100,0	70	100,0		
Estado Civil					60,53	< 0,001
Solteiro	28	52,8	21	30,0		
União Facto	11	20,8	1	1,4		
Viúvos	1	1,9	1	1,4		
Divorciados	12	22,6	1	1,4		
Casados	1	1,9	46	65,8		
Total	53	100,0	70	100,0		
Nível de Escolaridade					15,17	0,010
6º Ano	0	00,00	2	2,90		
9º Ano	0	00,00	4	5,70		
12º Ano	3	5,70	11	15,70		
F.T./Ens.Sup.	8	15,10	5	7,10		
Bach./Licenc.	32	60,40	45	64,30		
Mestr./Doutor.	10	18,80	3	4,30		
Total	53	100,00	70	100,00	38,65	< 0,001
Nível Sócio Económico (NSE)						
NSE Alto	32	60,40	11	15,70		
NSE Médio	15	28,30	52	74,30		
NSE Baixo	1	1,90	6	8,60		
Estudante	5	9,40	0	0,00		
Inativo	0	0,00	1	1,40		
Total	53	100,00	70	100,00		

Legenda: F.T./Ens. Sup. - Formação Técnica/Ensino Superior, Bach./Licenc. - Bacharelato/Licenciatura, Mestr./Doutor. - Mestrado / Doutoramento, NSE - Nível Sócio Económico.

Caraterização das amostras relativamente à existência da relação amorosa atual

No que respeita à relação amorosa 34% dos participantes homossexuais revelaram estar numa relação amorosa atual ($n = 18$), com duração média de 5,83 meses ($DP = 11,50$), contra 66% que afirmaram não estar numa relação ($n = 35$) no presente. No âmbito da amostra heterossexual, 84,3% ($n = 59$) afirmaram estar numa relação amorosa atual, com duração média de 138,86 meses ($DP = 122,83$), sendo que 15,7% declararam não estar numa relação amorosa ($n = 11$) no presente. As diferenças apuradas na relação amorosa atual [$\chi^2 (1) = 32,63, p < 0,001$] e na duração da relação revelaram ser estatisticamente significativa [$t_{(70,594)} = 9,01, p = < 0,001$] (ver Tabela 2).

Tabela 2

Caraterização das amostras relativamente à existência da relação amorosa atual

Orientação Sexual	Homossexual (N = 53)			Heterossexual (N = 70)			χ^2	p
	Sim	Não		Sim	Não			
Relação Amorosa Atual	34%	66%		84,3%	15,7%		32,63	< 0,001
	N	M	DP	N	M	DP	<i>t-Test</i>	p
Duração da Relação							9,01	< 0,001
Com Relação Amorosa	18	5,83	11,50	59	138,86	122,83		
Sem Relação Amorosa	35			11				

Instrumentos

Impact of Event Scale-Revised (IES-R; Weiss e Marmar, 1997; tradução e adaptação de Matos, M. e Pinto-Gouveia, J., 2006; versão Portuguesa de Matos, M., Pinto-Gouveia, J. e Martins, S., 2011). A escala tem como objetivo medir o sofrimento subjetivo para um acontecimento de vida específico. Contempla duas dimensões, nomeadamente intrusão e evitamento, sendo que cada uma delas contém oito itens derivados da IES original.

No que respeita às instruções, a versão revista solicita aos respondentes que se pronunciem acerca do grau, em vez da frequência, de sofrimento causado pelos sintomas. O formato de resposta constitui-se numa escala de Likert de 5 pontos, numerados de zero a quatro, sendo que o 0 significa “nada” e o 4 “muitíssimo”. A versão original da IES-R apresentou alfas de *Cronbach* para as subescalas que variaram entre 0,87 e 0,92 para a intrusão, 0,84 e 0,85 para o evitamento e 0,79 e 0,90 para a hiperativação (Weiss e Marmar, 1997). Neste estudo, a amostra de homossexuais e heterossexuais obteve um alfa de *Cronbach* de 0,97 e 0,96, respetivamente, o que expressa uma muito boa consistência interna da escala (Pestana e Gageiro, 2008).

The Centrality of Event Scale (CES; Berntsen, D. e Rubin, D., 2006; tradução e adaptação de Matos, M. e Pinto-Gouveia, J., 2006; versão Portuguesa de Matos, M., Pinto-Gouveia, J. e Gomes, P., 2010). Escala estandardizada desenvolvida por Berntsen e Rubin (2006), a qual pretende avaliar a centralidade de um acontecimento, ou memória traumática, na identidade e história de vida pessoal, passível de constituir-se autobiográfico e central para a identidade pessoal. A escala centra-se essencialmente, segundo os autores, na integração da memória traumática na história de vida e autoesquema da pessoa.

O questionário de autorresposta integra 20 itens, distribuídos em três subescalas, designadamente a atribuição de significado, identidade e ponto de viragem. Cada item é cotado numa escala tipo Likert de 5 pontos que variam entre 1 (Discordo totalmente) e 5 (Concordo totalmente). Não foram produzidos estudos acerca da estabilidade temporal da escala. Contudo, os autores demonstraram a validade convergente, divergente e preditiva através de comparações com a Posttraumatic Stress Checklist (PCL).

No que respeita à consistência interna, a versão original apresentou um valor elevado de alfa de *Cronbach* de 0,94. Neste estudo, o alfa de *Cronbach* obteve um valor de 0,99 na amostra homossexual e 0,97 na heterossexual, indicador de elevada consistência interna da escala (Pestana e Gageiro, 2008).

Early Memories of Warmth and Safeness Scale (EMWSS; Richter, A. , Gilbert, P. e McEwan, K., 2009; versão Portuguesa de Matos, M., Pinto-Gouveia, J. e Duarte, C. 2011). A escala é um instrumento de autorresposta unidimensional, desenvolvida por Richter, Gilbert e McEwan (2009), no intuito de colmatar a inexistência de escalas para mensurar as memórias positivas, de sentimentos de calor e segurança, na infância. O formato de resposta é uma escala de Likert de 5 pontos, constituída por 21 itens, os quais variam entre o 0 (Não, nunca) e o 4 (Sim, a maior parte do tempo), sendo que a consistência interna da EMWSS revelou um valor elevado (0,97) para o alfa de *Cronbach* (Richter, Gilbert e McEwan, 2009).

A escala foi desenvolvida a partir de uma nova medida, designada por memórias precoces de calor e segurança, com enfoque nos próprios sentimentos, emoções e experiências positivas na infância. Teve como base o pressuposto de que os sentimentos de segurança são primordiais, para o desenvolvimento de vínculos seguros na infância.

A versão Portuguesa da EMWSS para adultos expõe uma estrutura unidimensional, explicativa de 61,69% da variância (Matos, Pinto-Gouveia e Duarte, 2011), elevada consistência interna com um valor de alfa de *Cronbach* de 0,97, correspondente ao da versão inglesa original (Richter, Gilbert e McEwan, 2009). Neste estudo, o alfa de *Cronbach* obtido

para a amostra homossexual foi de 0,99 e heterossexual 0,98, indicador de elevada consistência interna (Pestana e Gageiro, 2008).

Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe (QVPM; Matos, P. e Costa, M., 2001, versão revista, Forma P). Instrumento de autorrelato concebido para avaliar representações de vinculação na relação com as figuras parentais, conciliando uma abordagem dimensional com a prototípica da avaliação da vinculação, permitindo obter os quatro padrões de vinculação de Bartholomew e Horowitz (1991) (e.g., seguro, preocupado, desinvestido e amedrontado).

A escala é composta por 30 itens, com formato de resposta numa escala de Likert de 6 pontos, dispostos em duas colunas destinadas ao pai e mãe, variando entre 1 (Discordo totalmente) e 6 (Concordo totalmente). O instrumento na sua versão retrospectiva apresenta valores de consistência interna adequados, entre 0,74 e 0,92 para as dimensões referentes à mãe, e entre 0,79 e 0,89 para as dimensões alusivas ao pai, revelando ser uma medida fiável da vinculação, ao pai e à mãe, incluindo em amostras de adultos. As questões da escala são colocadas de forma a situar a relação parental no passado e aceder à vinculação aos pais, numa abordagem dimensional ou prototípica.

Neste estudo, os valores do alfa de *Cronbach* apurados, relativamente às dimensões paternas e à amostra homossexual, apresentam coeficientes entre 0,90 e 0,95, sendo que na heterossexual variam entre 0,85 e 0,94. No que respeita às dimensões maternas apurámos valores entre 0,87 e 0,90 para os homossexuais, e entre 0,80 e 0,94 para os heterossexuais, o que confirma a considerável consistência interna da escala (Pestana e Gageiro, 2008).

Questionário de Vinculação Amorosa (QVA; Matos, P., Barbosa, S. e Costa, M., 2001; versão para investigação – Forma C). O instrumento de auto relato destina-se a avaliar a relação amorosa do adolescente, e do jovem adulto, numa perspectiva de vinculação. A escala é composta por quatro dimensões (e.g., Confiança, Dependência, Evitamento e Ambivalência), correspondentes aos quatro padrões de vinculação de Bartholomew (1990; Bartholomew e Horowitz, 1991). Contudo, como os itens da dimensão Confiança com conteúdos conotados positivamente, apresentam saturações negativas, esta dimensão é referida como Desconfiança relativamente ao companheiro enquanto figura de vinculação. A escala solicita ao respondente que identifique as respostas que melhor exprimem o modo como se sente, na relação que tem, com o(a) seu(sua) namorado(a), sendo que o questionário se centra numa relação específica, podendo esta ser, caso exista, a atual ou aquela que no passado foi a mais duradoura.

O instrumento é constituído por 52 itens, distribuídos numa escala de resposta tipo Likert de seis pontos que variam de 1 (Discordo totalmente) a 6 (Concordo totalmente).

Quanto à consistência interna da escala, o alfa de *Cronbach* evidencia valores elevados nas quatro dimensões, designadamente Desconfiança (0,90), Dependência (0,88), Evitamento (0,87) e Ambivalência (0,75), enquadrados dentro dos limites mínimos aceitáveis.

No presente estudo o alfa de *Cronbach* alcançou na amostra homossexual valor de 0,88 na dimensão Desconfiança, 0,85 na Dependência, 0,78 na Evitamento e 0,85 na Ambivalência. Na amostra heterossexual o coeficiente apurado foi de 0,92 na dimensão Desconfiança, 0,85 na Dependência e Evitamento e 0,84 na Ambivalência. Estes valores indicam uma consistência interna que varia entre a razoável e muito boa consistência (Pestana e Gageiro, 2008).

Procedimentos

Os diversos instrumentos, anteriormente referidos, constituíram uma bateria de escalas composta por instrumentos de autorresposta (ver Anexos), com o objetivo de recolher informação respeitante à temática inserida no estudo. À bateria de escalas foi adicionada folha de rosto, com breve e sucinta explicação dos objetivos do estudo. Uma segunda folha foi anexada para recolha de dados sociodemográficos, contemplando espaço para colocação de código secreto que permitisse, caso o desejassem, a sua posterior localização. Solicitou-se que respondessem às questões relativas à existência, ou inexistência, de relação amorosa atual e a sua duração.

A amostra relativa ao estudo foi recolhida na cidade de Lisboa e distrito de Leiria. Procedendo de acordo com os princípios e requisitos éticos, solicitou-se autorização de utilização, a todos os autores, relativamente às escalas observadas no estudo. Salientou-se aos participantes que a sua colaboração era de natureza voluntária, as respostas confidenciais, anónimas e utilizadas única e exclusivamente no contexto da investigação. Procedeu-se à explanação oral da bateria de escalas, realçando a importância de responder a todos os itens, a fim de diminuir a percentagem de questionários inválidos.

A amostra de conveniência da população geral integrou sujeitos homossexuais masculinos e heterossexuais masculinos e femininos. A cerca de metade da amostra foi entregue versão invertida dos questionários, com o propósito de salvaguardar possíveis enviesamentos. A cada protocolo atribuiu-se número sequencial, permitindo a sua posterior identificação e correção, na base de dados, caso necessário.

Procedimentos estatísticos

Os resultados obtidos no presente estudo foram alcançados a partir de procedimentos estatísticos, através do programa informático Statistical Package for Social Science (IBM

SPSS), versão 20,0 (Armonk, NY: IBM Corp.). Consideraram-se estatisticamente significativos os valores de significância (p) inferiores ou iguais a 0,05 (Howell, 2006).

A normalidade na distribuição das variáveis, em estudo, foi investigada tendo sido analisados os valores de assimetria (homossexuais de: -1,538 a + 0,995; heterossexuais de: -1,451 a + 1,323) e achatamento (homossexuais de: -1,113 a + 2,097; heterossexuais de: -0,746 a + 1,961). Estes valores apontam para uma distribuição normal das variáveis, com valores de assimetria e achatamento inferiores aos pontos de corte referidos na literatura (Assimetria $< +/- 3$; Achatamento $< +/- 3$) (Tabachnick e Fidell, 2007). As análises subsequentes foram realizadas com o recurso a testes estatísticos paramétricos. O teste *t-Student* para amostras independentes foi utilizado para explorar a existência de diferenças, estatisticamente significativas, entre os dois grupos e respetivas variáveis em estudo.

Realizaram-se correlações produto-momento de *Pearson*, para investigar as associações entre as variáveis. O recurso à transformação Fisher r to z foi aplicado, no sentido de avaliar a significância das diferenças, entre dois coeficientes de correlação, sendo que a avaliação da magnitude das correlações foi baseada na convenção de Pestana e Gageiro (2008).

Resultados

Estudo I - Estudo comparativo entre o grupo de participantes homo e heterossexuais, relativamente às características traumáticas (IES-R) e à centralidade das memórias de vergonha (CES), às memórias precoces de calor e segurança (EMWSS), à qualidade de vinculação ao pai e à mãe (QVPM), e à qualidade de vinculação ao par amoroso (QVA)

Este estudo pretendeu analisar as diferenças entre as variáveis em estudo, apreciando a orientação sexual dos participantes. No âmbito das características traumáticas os resultados dos testes *t* de *Student* para amostras independentes revelaram que os participantes homossexuais ($M = 8,44$, $DP = 3,24$), distinguem-se significativamente dos heterossexuais ($M = 2,75$, $DP = 2,49$), com níveis mais elevados, e estatisticamente significativos, de características traumáticas das memórias de vergonha [$t_{(96,37)} = -10,49$, $p < 0,001$].

Quanto à centralidade das memórias traumáticas de vergonha, os homossexuais ($M = 74,40$, $DP = 28,07$) indicaram valores superiores e estatisticamente significativos, comparativamente com os heterossexuais ($M = 36,11$, $DP = 16,36$), [$t_{(80,77)} = -8,74$, $p < 0,001$]. No que respeita às memórias precoces de calor e segurança, a amostra homossexual ($M = 25,17$, $DP = 23,99$) revelou índices inferiores e estatisticamente significativos, comparativamente com a heterossexual ($M = 64,63$, $DP = 16,96$), [$t_{(89,16)} = 10,20$, $p < 0,001$].

Relativamente à qualidade de vinculação ao pai e à mãe, dimensão Inibição da Exploração e Individualidade Pai, os resultados demonstraram que a amostra homossexual

($M = 4,67$, $DP = 1,32$) manifestou índices de restrição de autonomia claramente superiores, e estatisticamente significativos, aos da amostra heterossexual ($M = 2,87$, $DP = 0,96$), [$t_{(121,00)} = -8,76$, $p < 0,001$]. No que respeita à mãe, constatamos que os participantes homossexuais ($M = 3,52$, $DP = 0,96$) expressaram níveis nitidamente mais elevados, e estatisticamente significativos, comparativamente com os heterossexuais ($M = 2,85$, $DP = 0,76$), [$t_{(121,00)} = -4,27$, $p < 0,001$].

Quanto à dimensão Qualidade do Laço Emocional ao Pai, os resultados revelaram para a amostra homossexual ($M = 2,75$, $DP = 1,28$) níveis declaradamente inferiores, e estatisticamente significativos, relativamente à heterossexual ($M = 4,68$, $DP = 1,13$), [$t_{(121,00)} = 8,84$, $p < 0,001$]. Relativamente à mãe, o grupo homossexual ($M = 5,19$, $DP = 0,76$) expressou laço emocional superior, não significativo, comparativamente com o grupo heterossexual ($M = 4,97$, $DP = 0,98$), [$t_{(121,00)} = -1,38$, $p = 0,17$].

No âmbito da dimensão Ansiedade de Separação e Dependência ao Pai, os homossexuais ($M = 2,78$, $DP = 1,07$) manifestaram níveis significativamente inferiores, e estatisticamente significativos, de dependência paterna relativamente aos heterossexuais ($M = 3,58$, $DP = 0,92$), [$t_{(121,00)} = 4,44$, $p < 0,001$]. Quanto à mãe, os homossexuais ($M = 4,92$, $DP = 0,93$) indicaram notoriamente maior grau de dependência, comparativamente com os heterossexuais ($M = 3,73$, $DP = 0,90$), [$t_{(121,00)} = -7,16$, $p < 0,001$], cuja diferença é estatisticamente significativa.

Relativamente à qualidade de vínculo ao par amoroso, os resultados relativos à dimensão Confiança atestaram, para os homossexuais ($M = 3,65$, $DP = 0,84$), níveis expressivamente inferiores, e estatisticamente significativos, relativamente aos heterossexuais ($M = 4,68$, $DP = 0,91$), [$t_{(121)} = 6,43$, $p < 0,001$]. Na dimensão Dependência os grupos homossexual ($M = 3,49$, $DP = 0,83$) e heterossexual ($M = 3,21$, $DP = 0,84$), apresentaram diferenças não significativas [$t_{(121,00)} = -1,84$, $p = 0,068$]. No âmbito da dimensão Ambivalência, o grupo homossexual ($M = 4,47$, $DP = 0,85$) apresentou índice superior ao heterossexual ($M = 2,77$, $DP = 0,83$), com diferença estatisticamente significativa [$t_{(121,00)} = -11,07$, $p < 0,001$]. No que respeita à dimensão Evitamento, os homossexuais ($M = 2,72$, $DP = 0,70$) manifestaram valores ligeiramente superiores e estatisticamente significativos, comparativamente com os heterossexuais ($M = 2,39$, $DP = 0,78$), [$t_{(121,00)} = -2,46$, $p = 0,015$] (ver Tabela 3).

Tabela 3

Médias, desvio-padrão e respetivos testes t-Student das variáveis em estudo

Amostra	Homossexuais (N = 53)		Heterossexuais (N = 70)		t	p
	M	DP	M	DP		
IES-R*	8,44	3,24	2,75	2,49	-10,49	< 0,001

CES**	74,40	28,07	36,11	16,36	-8,74	< 0,001
EMWSS	25,17	23,99	64,63	16,96	10,20	< 0,001
QVPM - IEI Pai	4,67	1,32	2,87	0,96	-8,76	< 0,001
QVPM - IEI Mãe	3,52	0,96	2,85	0,76	-4,27	< 0,001
QVPM - QLE Pai	2,75	1,28	4,68	1,13	8,84	< 0,001
QVPM - QLE Mãe	5,19	0,76	4,97	0,98	-1,38	0,170
QVPM - ASD Pai	2,78	1,07	3,58	0,92	4,44	< 0,001
QVPM - ASD Mãe	4,92	0,93	3,73	0,90	-7,16	< 0,001
QVA Confiança	3,65	0,84	4,68	0,91	6,43	< 0,001
QVA Dependência	3,49	0,83	3,21	0,84	-1,84	0,068
QVA Ambivalência	4,47	0,85	2,77	0,83	-11,07	< 0,001
QVA Evitamento	2,72	0,70	2,39	0,78	-2,46	0,015

Nota: * O IES -R apresenta uma amostra heterossexual de N= 64 porque 6 sujeitos não preencheram este questionário.

** O CES apresenta uma amostra heterossexual de N = 62 porque 8 sujeitos não preencheram este questionário.

Legenda: IES-R - Escala do Impacto do Acontecimento; CES - Escala da Centralidade do Acontecimento; EMWSS - Memórias Precoces de Calor e Segurança; QVPM – Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe (dimensões: IEI - Inibição da Exploração e Individualidade; QLE - Qualidade do Laço Emocional; ASD - Ansiedade de Separação e Dependência); QVA – Questionário de Vinculação Amorosa (Dimensões: Confiança; Dependência; Ambivalência; Evitamento).

Estudo II - Estudo da relação entre as características traumáticas, a centralidade para a identidade das memórias de vergonha, as memórias precoces de calor e segurança e a qualidade do vínculo ao pai, à mãe e ao par amoroso

Seguidamente pretendemos explorar em que medida as características traumáticas, a centralidade para a identidade das memórias de vergonha, as memórias precoces de calor e segurança estão relacionadas com o vínculo ao pai, à mãe e ao par amoroso.

Estudo da relação entre as características traumáticas (IES-R) e a qualidade de vinculação ao pai e à mãe (QVPM)

Os resultados das correlações de *Pearson* permitiram constatar que, na amostra homossexual, as características traumáticas das memórias de vergonha estão correlacionadas de forma forte e positiva ($r = 0,60$, $p < 0,001$) com a qualidade de vinculação ao pai (QVPM), na dimensão Inibição da Exploração e Individualidade. No âmbito da amostra heterossexual constatámos inexistência de associação significativa ($r = 0,21$, $p = 0,094$). Relativamente às características traumáticas das memórias de vergonha e dimensão Qualidade do Laço Emocional ao Pai, a amostra homossexual apresentou correlação negativa forte ($r = -0,60$, $p < 0,001$), sendo que nos heterossexuais apurámos ausência de associação significativa ($r = -0,16$, $p = 0,221$). No que se refere às características traumáticas das memórias de vergonha e dimensão Ansiedade de Separação e Dependência ao Pai, a amostra homossexual expressou correlação moderada e inversa ($r = -0,34$, $p = 0,013$). A amostra heterossexual revelou inexistência de associação significativa ($r = 0,18$, $p = 0,161$).

Quanto à qualidade de vinculação à mãe (QVPM), relativamente às características traumáticas das memórias de vergonha e à dimensão Inibição da Exploração e Individualidade, a amostra homossexual manifestou inexistência de associação significativa entre as variáveis ($r = 0,03$, $p = 0,848$), sendo que nos heterossexuais a correlação foi

moderada e positiva ($r = 0,36$, $p = 0,004$). No âmbito das características traumáticas das memórias de vergonha e dimensão Qualidade do Laço Emocional à Mãe, o grupo homossexual expôs correlação baixa e direta, embora no limiar da significância, ($r = 0,27$, $p = 0,050$). Na amostra heterossexual a correlação não foi significativa ($r = -0,04$, $p = 0,728$). Relativamente às características traumáticas das memórias de vergonha e à dimensão Ansiedade de Separação e Dependência à Mãe, a amostra homossexual denotou correlação moderada e positiva ($r = 0,58$, $p < 0,001$). A amostra heterossexual indicou correlação baixa e positiva ($r = 0,30$, $p = 0,015$). O cálculo da transformação Fisher r to z permitiu atestar que a diversidade entre os coeficientes de correlação é estatisticamente significativa ($z = 1,85$, $p = 0,032$) (ver Tabela 4).

Estudo da relação entre a centralidade para a identidade das memórias de vergonha (CES) e a qualidade de vinculação ao pai e à mãe (QVPM)

Os resultados das correlações de *Pearson* permitiram constatar para a amostra homossexual, entre a centralidade das memórias de vergonha e a qualidade de vinculação ao pai (QVPM), na dimensão Inibição da Exploração e Individualidade, a presença de correlação forte e positiva ($r = 0,65$, $p < 0,001$). A amostra heterossexual revelou ausência de correlação significativa entre as variáveis ($r = 0,22$, $p = 0,083$). No âmbito da centralidade das memórias de vergonha e dimensão Qualidade do Laço Emocional ao Pai, os resultados indicaram para os homossexuais associação forte e inversa ($r = -0,64$, $p < 0,001$), sendo que nos heterossexuais a correlação foi fraca e inversa ($r = -0,25$, $p = 0,048$). O cálculo da transformação Fisher r to z permitiu atestar que estes coeficientes de correlação diferem de forma estatisticamente significativa nos dois grupos ($z = -2,62$, $p = 0,004$). Quanto à centralidade das memórias de vergonha e à Ansiedade de Separação e Dependência ao Pai, a amostra homossexual manifestou correlação moderada e negativa ($r = -0,34$, $p = 0,012$). Na amostra heterossexual a correlação não foi estatisticamente significativa ($r = 0,09$, $p = 0,476$).

No âmbito da qualidade de vinculação à mãe (QVPM), relativamente à centralidade das memórias de vergonha e à dimensão Inibição da Exploração e Individualidade, os resultados indicaram ausência de correlação estatisticamente significativa nos grupos homossexual ($r = 0,00$, $p = 0,997$) e heterossexual ($r = 0,19$, $p = 0,135$). Relativamente à centralidade das memórias de vergonha e à dimensão Qualidade do Laço Emocional à Mãe, constatou-se ausência de correlação estatisticamente significativa para os homo ($r = 0,24$, $p = 0,080$) e heterossexuais ($r = -0,14$, $p = 0,295$). Quanto à centralidade das memórias de vergonha e à dimensão Ansiedade de Separação e Dependência materna, verificou-se na amostra homossexual uma associação moderada e direta ($r = 0,58$, $p < 0,001$). Na heterossexual a

associação é baixa e direta ($r = 0,28, p = 0,029$). O cálculo da transformação Fisher r to z permitiu atestar que estes coeficientes de correlação diferem de forma estatisticamente significativa entre os grupos ($z = 1,95, p = 0,026$) (ver Tabela 4).

Estudo da relação entre as memórias precoces de calor e segurança (EMWSS) e a qualidade do vínculo ao pai e à mãe (QVPM)

Os resultados das correlações de *Pearson* permitiram constatar, entre as memórias precoces de calor e segurança e a qualidade de vinculação ao pai (QVPM), dimensão Inibição da Exploração e Individualidade, uma associação forte e inversa nos homossexuais ($r = -0,68, p < 0,001$), a par de associação moderada e inversa nos heterossexuais ($r = -0,41, p < 0,001$). O cálculo da transformação Fisher r to z permitiu constatar que a disparidade entre os coeficientes de correlação, entre os dois grupos, é estatisticamente significativa ($z = -2,11, p = 0,017$). Relativamente às memórias precoces de calor e segurança e à dimensão Qualidade do Laço Emocional ao Pai, a amostra homossexual manifestou associação forte e positiva ($r = 0,64, p < 0,001$), sendo que a heterossexual expressou correlação moderada e direta ($r = 0,58, p < 0,001$). O cálculo da transformação Fisher r to z permitiu verificar que a disparidade entre os coeficientes de correlação dos dois grupos não é significativa ($z = 0,51, p = 0,305$). No que concerne às memórias precoces de calor e segurança e à dimensão Ansiedade de Separação e Dependência ao Pai, ambos os grupos, homossexual ($r = 0,42, p = 0,002$) e heterossexual ($r = 0,34, p = 0,004$), apresentaram correlação moderada e positiva. O cálculo da transformação Fisher r to z permitiu conferir que a disparidade entre os coeficientes de correlação não é significativa ($z = 0,50, p = 0,309$).

No âmbito da qualidade de vinculação à mãe (QVPM), quanto às memórias precoces de calor e segurança e dimensão Inibição da Exploração e Individualidade, na amostra homossexual verificou-se ausência de correlação ($r = -0,00, p = 0,983$), sendo que na amostra heterossexual a correlação foi fraca e inversa ($r = -0,29, p = 0,016$). Relativamente às memórias precoces de calor e segurança e à dimensão Qualidade do Laço Emocional à Mãe, o grupo homossexual revelou inexistência de correlação significativa ($r = -0,07, p = 0,623$). Nos heterossexuais a correlação foi moderada e positiva ($r = 0,46, p < 0,001$). No que respeita às memórias precoces de calor e segurança e à dimensão Ansiedade de Separação e Dependência à Mãe, apurámos nos homossexuais correlação moderada e inversa ($r = -0,41, p = 0,002$), a par de ausência de correlação significativa nos heterossexuais ($r = 0,21, p = 0,084$) (ver Tabela 4).

Estudo da relação entre as características traumáticas das memórias de vergonha (IES-R) e a qualidade de vínculo ao par amoroso (QVA)

Os resultados das correlações de *Pearson* permitiram constatar que, entre as características traumáticas das memórias de vergonha e a qualidade de vínculo ao par amoroso (QVA) na dimensão Confiança, a amostra homossexual apresentou uma correlação moderada e inversa ($r = -0,53, p < 0,001$). Contudo, na amostra heterossexual constatou-se ausência de correlação significativa ($r = -0,06, p = 0,658$). No que respeita às características traumáticas das memórias de vergonha e à dimensão Dependência, apurámos ausência de correlação significativa nos homo ($r = -0,12, p = 0,386$) e heterossexuais ($r = 0,21, p = 0,089$). Relativamente às características traumáticas das memórias de vergonha e à dimensão Ambivalência, verificamos, para os homossexuais, correlação moderada e positiva ($r = 0,52, p < 0,001$). Nos heterossexuais a correlação não foi significativa, embora próxima do limiar da significância ($r = 0,24, p = 0,058$). No âmbito das características traumáticas das memórias de vergonha e dimensão Evitamento, o grupo homo ($r = -0,16, p = 0,261$) e heterossexual ($r = -0,03, p = 0,829$) expressaram ausência de associação significativa (ver Tabela 4).

Estudo da relação entre a centralidade para a identidade das memórias de vergonha (CES) e a qualidade de vínculo ao par amoroso (QVA)

Os resultados das correlações de *Pearson* permitiram constatar que na amostra homossexual, entre a centralidade das memórias de vergonha e a qualidade de vínculo ao par amoroso (QVA) na dimensão Confiança, a correlação foi de natureza moderada e inversa ($r = -0,49, p = < 0,001$), sendo que na amostra heterossexual verificámos associação fraca e negativa ($r = -0,27, p = 0,031$). Contudo, o cálculo da transformação Fisher r to z permitiu atestar que a diferença entre os coeficientes de correlação, das duas amostras, não foi significativa ($z = -1,35, p = 0,089$). Relativamente à centralidade das memórias de vergonha e dimensão Dependência, a amostra homossexual manifestou inexistência de correlação significativa entre as variáveis ($r = -0,04, p = 0,801$). Nos heterossexuais a correlação foi moderada e direta ($r = 0,34, p = 0,007$). No que respeita à centralidade das memórias de vergonha e à dimensão Ambivalência, verificou-se na amostra homossexual uma correlação forte e positiva ($r = 0,62, p < 0,001$). A amostra heterossexual expressou correlação moderada e positiva ($r = 0,37, p = 0,003$). O cálculo da transformação Fisher r to z confirmou que a diferença entre os coeficientes de correlação, de ambas as amostras, foi estatisticamente significativa ($z = 1,75, p = 0,040$). Relativamente à centralidade das memórias de vergonha e dimensão Evitamento, apurámos ausência de correlação significativa nos homo ($r = -0,12, p = 0,387$) e heterossexuais ($r = 0,19, p = 0,146$) (ver Tabela 4).

Estudo da relação entre as memórias precoces de calor e segurança (EMWSS) e a qualidade do vínculo ao par amoroso (QVA)

Os resultados das correlações de *Pearson* permitiram constatar, relativamente à amostra homossexual, entre as memórias precoces de calor e segurança e a qualidade de vínculo ao par amoroso (QVA), dimensão Confiança, uma correlação moderada e positiva ($r = 0,45$, $p = 0,001$). Na amostra heterossexual verificou-se uma correlação fraca e positiva ($r = 0,27$, $p = 0,026$). O cálculo da transformação Fisher r to z permitiu constatar que a disparidade entre os coeficientes de correlação não é estatisticamente significativa ($z = 1,11$, $p = 0,134$).

No que respeita às memórias precoces de calor e segurança e à dimensão Dependência, os participantes homossexuais ($r = 0,09$, $p = 0,509$) e heterossexuais ($r = 0,06$, $p = 0,651$) manifestaram inexistência de associação significativa entre as variáveis. Quanto às memórias precoces de calor e segurança e à dimensão Ambivalência, a amostra homossexual expressou correlação forte e inversa ($r = -0,61$, $p < 0,001$). A amostra heterossexual não evidenciou associação significativa ($r = -0,05$, $p = 0,681$).

Relativamente às memórias precoces de calor e segurança e à dimensão Evitamento, o grupo homossexual não apresentou correlação expressiva ($r = 0,14$, $p = 0,318$). No heterossexual a correlação foi fraca e inversa ($r = -0,27$, $p = 0,027$) (ver Tabela 4).

Estudo da relação entre a qualidade de vinculação ao pai e à mãe (QVPM) e a qualidade de vínculo ao par amoroso (QVA)

No âmbito da qualidade de vínculo ao pai (QVPM), dimensão Inibição da Exploração e Individualidade, e qualidade de vínculo ao par amoroso (QVA), dimensão Confiança, os resultados das correlações de *Pearson* revelaram correlação forte e inversa nos homossexuais ($r = -0,61$, $p < 0,001$), a par de ausência de associação significativa nos heterossexuais ($r = -0,07$, $p = 0,577$). Relativamente à dimensão Inibição da Exploração e Individualidade Pai (QVPM) e dimensão Dependência (QVA), verificou-se ausência de associação significativa nos homo ($r = -0,06$, $p = 0,659$) e heterossexuais ($r = 0,00$, $p = 0,973$). Quanto à dimensão Inibição da Exploração e Individualidade Pai (QVPM) e dimensão Ambivalência (QVA), apurou-se correlação forte e positiva nos homossexuais ($r = 0,67$, $p < 0,001$). Nos heterossexuais a correlação é inexistente, mas próxima do limiar da significância ($r = 0,08$, $p = 0,534$). Entre a dimensão Inibição da Exploração e Individualidade Pai (QVPM) e dimensão Evitamento (QVA), apurou-se inexistência de correlação significativa nos homo ($r = -0,12$, $p = 0,398$) e heterossexuais ($r = 0,07$, $p = 0,569$).

No que se refere à dimensão Qualidade do Laço Emocional Pai (QVPM) e dimensão Confiança (QVA), a amostra homossexual expressou correlação moderada e direta ($r = 0,58$,

$p = < 0,001$). Na heterossexual a correlação foi fraca e positiva ($r = 0,24$, $p = 0,047$). O cálculo da transformação Fisher r to z corroborou que a diferença entre os coeficientes de correlação, entre os dois grupos, é estatisticamente significativa ($z = 2,24$, $p = 0,013$). Na dimensão Qualidade do Laço Emocional Pai (QVPM) e dimensão Dependência (QVA), verificou-se vacuidade de correlação nos homo ($r = 0,17$, $p = 0,226$) e heterossexuais ($r = -0,05$, $p = 0,679$). Quanto à dimensão Qualidade do Laço Emocional Pai (QVPM) e dimensão Ambivalência (QVA), constatou-se uma correlação moderada e inversa na amostra homossexual ($r = -0,51$, $p < 0,001$). Na amostra heterossexual a correlação apurada foi de natureza fraca e inversa ($r = -0,25$, $p = 0,041$). O cálculo da transformação Fisher r to z aprovou que a divergência entre os coeficientes de correlação, em ambos os grupos, é estatisticamente significativa ($z = -1,64$, $p = 0,051$). Relativamente à dimensão Qualidade do Laço Emocional Pai (QVPM) e dimensão Evitamento (QVA), os resultados indicaram ausência de associação significativa para o grupo homossexual ($r = 0,03$, $p = 0,837$), sendo que a amostra heterossexual revelou correlação moderada e inversa ($r = -0,39$, $p = 0,001$).

No âmbito da dimensão Ansiedade de Separação e Dependência Pai (QVPM) e dimensão Confiança (QVA), os homossexuais manifestaram uma correlação forte e direta ($r = 0,67$, $p < 0,001$), a par de ausência de correlação significativa nos heterossexuais ($r = 0,04$, $p = 0,724$). No que concerne à dimensão Ansiedade de Separação e Dependência Pai (QVPM) e dimensão Dependência (QVA), os homossexuais ($r = 0,37$, $p = 0,007$) e heterossexuais ($r = 0,34$, $p = 0,004$) expressaram associação moderada e direta. Contudo, o cálculo da transformação Fisher r to z permitiu apurar que a diferença entre os coeficientes de correlação, dos dois grupos, não é estatisticamente significativa ($z = 0,18$, $p = 0,429$). Quanto à dimensão Ansiedade de Separação e Dependência Pai (QVPM) e dimensão Ambivalência (QVA), os homossexuais revelaram correlação moderada e inversa ($r = -0,41$, $p = 0,002$). O grupo heterossexual expressou ausência de correlação significativa entre as variáveis ($r = 0,11$, $p = 0,387$). Entre a dimensão Ansiedade de Separação e Dependência Pai (QVPM) e a dimensão Evitamento (QVA), o grupo homossexual revelou ausência de associação significativa ($r = 0,02$, $p = 0,882$), sendo que no heterossexual a correlação foi de natureza moderada e inversa ($r = -0,37$, $p = 0,002$).

No âmbito da figura materna, entre a dimensão Inibição da Exploração e Individualidade (QVPM) e dimensão Confiança (QVA), verificou-se inexistência de correlação significativa nas amostras homo ($r = -0,03$, $p = 0,844$) e heterossexual ($r = -0,20$, $p = 0,090$). Relativamente à dimensão Inibição da Exploração e Individualidade Mãe (QVPM) e dimensão Dependência (QVA), não constatámos correlações significativas nos homo ($r =$

0,06 , $p = 0,648$) e heterossexuais ($r = 0,03$, $p = 0,813$). Quanto à dimensão Inibição da Exploração e Individualidade Mãe (QVPM) e dimensão Ambivalência (QVA), as amostras homo ($r = 0,13$, $p = 0,358$) e heterossexual ($r = 0,19$, $p = 0,118$) manifestaram ausência de correlação significativa. Entre a dimensão Inibição da Exploração e Individualidade Mãe (QVPM) e dimensão Evitamento (QVA), apurou-se ausência de correlação significativa nos homo ($r = 0,05$, $p = 0,724$) e heterossexuais ($r = 0,19$, $p = 0,121$) .

Quanto à dimensão Qualidade do Laço Emocional Mãe (QVPM) e dimensão Confiança (QVA), apurou-se correlação moderada e inversa na amostra homossexual ($r = -0,38$, $p = 0,005$), sendo que na heterossexual a correlação foi moderada e direta ($r = 0,34$, $p = 0,005$). O cálculo da transformação Fisher r to z confirmou que a diferença entre os coeficientes de correlação, entre os dois grupos, é estatisticamente significativa ($z = -4,04$, $p < 0,001$). No que concerne à dimensão Qualidade do Laço Emocional Mãe (QVPM) e dimensão Dependência (QVA), constatou-se nas amostras homo ($r = -0,08$, $p = 0,563$) e heterossexual ($r = 0,01$, $p = 0,970$) ausência de associação significativa entre as variáveis. Entre a dimensão Qualidade do Laço Emocional Mãe (QVPM) e dimensão Ambivalência (QVA), a amostra homossexual revelou ausência de associação significativa ($r = 0,25$, $p = 0,067$), sendo que na amostra heterossexual a correlação foi fraca e inversa ($r = -0,27$, $p = 0,026$). No que respeita à dimensão Qualidade do Laço Emocional Mãe (QVPM) e dimensão Evitamento (QVA), verificou-se carência de correlação significativa na amostra homossexual ($r = 0,06$, $p = 0,680$). Os resultados relativos ao grupo heterossexual indicaram correlação de natureza moderada e inversa ($r = -0,49$, $p < 0,001$).

Quanto à dimensão Ansiedade de Separação e Dependência Mãe (QVPM) e dimensão Confiança (QVA), os homossexuais apresentaram correlação moderada e inversa ($r = -0,34$, $p = 0,013$). Nos heterossexuais verificou-se inexistência de correlação significativa ($r = 0,04$, $p = 0,745$). Relativamente à dimensão Ansiedade de Separação e Dependência Mãe (QVPM) e dimensão Dependência (QVA), apurou-se ausência de associação significativa nos homossexuais ($r = 0,06$, $p = 0,658$), a par de correlação moderada e direta nos heterossexuais ($r = 0,41$, $p < 0,001$). Entre a dimensão Ansiedade de Separação e Dependência Mãe (QVPM) e a dimensão Ambivalência (QVA), a amostra homossexual revelou associação moderada e positiva ($r = 0,39$, $p = 0,004$). O grupo heterossexual manifestou inexistência de correlação significativa ($r = 0,14$, $p = 0,267$). Finalmente, entre a dimensão Ansiedade de Separação e Dependência Mãe (QVPM) e a dimensão Evitamento (QVA), a amostra homossexual expressou ausência de correlação significativa ($r = -0,02$, $p = 0,886$), sendo que na heterossexual a correlação foi moderada e inversa ($r = -0,34$, $p = 0,004$) (ver Tabela4).

Tabela 4

Correlações de Pearson relativas à amostra homo e heterossexual

Variáveis	IES-R	CES	EMWSS	QVA-CONF	QVA-DEP	QVA-AMB	QVA-EVIT	QVPM-IEI-PAI	QVPM-IEI-MÃE	QVPM-QLE-PAI	QVPM-QLE-MÃE	QVPM-ASD-PAI	QVPM-ASD-MÃE
IES-R		0,87**	-0,70**	-0,53**	-0,12	0,52**	-0,16	0,60**	0,03	-0,60**	0,27*	-0,34*	0,58**
CES	0,68**		-0,87**	-0,49**	-0,04	0,62**	-0,12	0,65**	0,00	-0,64**	0,24	-0,34*	0,58**
EMWSS	-0,16	-0,18		0,45**	0,09	-0,61**	0,14	-0,68**	-0,00	0,64**	-0,07	0,42**	-0,41**
QVA-CONF	-0,06	-0,27*	0,27*		0,37**	-0,64**	-0,05	-0,61**	-0,03	0,58**	-0,38**	0,67**	-0,34*
QVA-DEP	0,21	0,34**	0,06	0,25*		0,15	-0,46**	-0,06	0,06	0,17	-0,08	0,37**	0,06
QVA-AMB	0,24	0,37**	-0,05	-0,65**	0,23		-0,09	0,67**	0,13	-0,51**	0,25	-0,41**	0,39**
QVA-EVIT	-0,03	0,19	-0,27*	-0,66**	-0,32**	0,52**		-0,12	0,05	0,03	0,06	0,02	-0,02
QVPM-IEI-PAI	0,21	0,22	-0,41**	-0,07	0,00	0,08	0,07		0,03	-0,37**	0,21	-0,24	0,47**
QVPM-IEI-MÃE	0,36**	0,19	-0,29*	-0,20	0,03	0,19	0,19	0,67**		-0,22	-0,37**	-0,21	-0,29*
QVPM-QLE-PAI	-0,16	-0,25*	0,58**	0,24*	-0,05	-0,25*	-0,39**	-0,32**	-0,14		0,04	0,83**	-0,22
QVPM-QLE-MÃE	-0,04	-0,14	0,46**	0,34**	0,01	-0,27*	-0,49**	-0,05	-0,23	0,70**		0,02	0,73**
QVPM-ASD-PAI	0,18	0,09	0,34**	0,04	0,34**	0,11	-0,37**	0,13	0,26*	0,53**	0,45**		0,09
QVPM-ASD-MÃE	0,30*	0,28*	0,21	0,04	0,41**	0,14	-0,34**	0,24*	0,23	0,27*	0,53**	0,85**	

Nota: As correlações para a amostra homossexual são representadas acima da diagonal e a itálico.

Legenda: ** Correlação é significativa ao nível 0,01; * Correlação é significativa ao nível 0,05.

IES-R - Escala Revista do Impacto do Acontecimento; CES - Escala da Centralidade do Acontecimento; EMWSS - Escala de Memórias Precoces de Calor e Segurança; QVA - Questionário de Vinculação ao Par Amoroso (CONF-Confiança; DEP-Dependência; AMB- Ambivalência; EVIT-Evitamento); QVPM - Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe (IEI-Inibição da Exploração e Individualidade; QLE-Qualidade do Laço Emocional; ASD-Ansiedade de Separação e Dependência).

Discussão

Diversos estudos revelam o impacto das experiências precoces de vergonha, na infância e adolescência, com características de memória traumática e de centralidade, das memórias de vergonha, na vida e identidade dos indivíduos (Matos, 2012; Matos e Pinto-Gouveia, 2010; Matos, Pinto-Gouveia e Gomes, 2010; Pinto-Gouveia e Matos, 2011). Outras investigações comprovam o papel das memórias positivas de calor e segurança na vinculação (Custódio, 2012; Martinho, 2012), associando o tipo de vinculação a estilos educativos, práticas parentais (De Minzi, 2006), e a replicação do mesmo às relações subsequentes e amorosas (Bowlby, 1969; Hazan e Shaver, 1987).

Contudo, ainda não foram efetuados estudos que examinem as características traumáticas e centrais das memórias de vergonha, as memórias precoces de calor e segurança, a qualidade de vinculação ao pai, à mãe e ao par amoroso, apreciando a orientação sexual dos participantes. Partindo do objetivo deste estudo, esboçaram-se objetivos específicos que

serviram de linha orientadora à condução de vários estudos, no intuito de testar as hipóteses inicialmente formuladas, retirar conclusões e possíveis contributos de natureza preventiva.

O primeiro estudo visa explorar a existência de diferenças, entre homossexuais e heterossexuais, no que respeita às características traumáticas e à centralidade para a identidade, das memórias de vergonha, memórias precoces de calor e segurança, qualidade de vínculo ao pai, à mãe e ao par amoroso. Globalmente, constatamos a existência de diferenças, estatisticamente significativas, nestas variáveis e entre ambas as amostras.

Atendendo à orientação sexual, e no âmbito das memórias de vergonha, os resultados expressam que as memórias de vergonha tendem a revelar níveis mais elevados de características traumáticas nos homossexuais, comparativamente com os heterossexuais, com presença de sintomas de evitamento, ruminação, intrusão e hiperativação associados. Por outro lado, nos homossexuais, as memórias de vergonha tendem a estabelecer-se como marcos de referência, mais centrais e mais autobiográficas, para a sua identidade e história de vida, passíveis de constituírem pontos de referência na organização de outras experiências de vida, incrementando a propensão para a vergonha na adultez.

Os resultados enquadram-se nas conclusões de estudos anteriores (Matos e Pinto-Gouveia, 2010; Matos, Pinto-Gouveia e Gomes, 2010; Pinto-Gouveia e Matos, 2011) e acrescentam a estes, tendo em conta a orientação sexual, sugerindo que as experiências precoces podem revelar características de memória traumática, tendem a permanecer registadas no sistema de memória autobiográfica e constituem-se centrais para a identidade e história de vida dos sujeitos homossexuais.

No que respeita às memórias precoces de calor e segurança, a amostra homossexual expressa recordar, na infância e/ou adolescência, comparativamente com a heterossexual, índices significativamente inferiores de experiências precoces positivas. Isto sugere que os homossexuais, em oposição aos heterossexuais, estão mais expostos à ausência de memórias afiliativas (e.g., valorização, elogio) e, conseqüentemente, mais propensos para a vergonha, sentimento de ameaça e autocrítica. Paralelamente, as fracas memórias de experiências precoces positivas sugerem associar-se ao estilo de vinculação insegura, com as figuras cuidadoras, passível de perpetuar-se às relações subseqüentes da sua vida futura.

Estes resultados são corroborados por outros estudos. A presença de memórias afiliativas, como as memórias precoces de calor e segurança, minimizam o impacto da vergonha sentida numa experiência de vergonha (Cid, 2012), reduzem a tendência para a autocrítica (Baldwin e Dandeneau, 2005) e tem sido associada ao estilo de vinculação segura aos pais (Martinho, 2012). Não obstante, a presença de experiências precoces positivas é ainda relacionada com a

autocompaixão, enquanto processo de regulação emocional (Cunha et al., 2013), funcionando como fator protetor e, portanto, permite amputar o efeito de memórias emocionais negativas de vergonha (Custódio, 2012).

No âmbito da qualidade de vinculação ao pai, a amostra homossexual, comparativamente com a heterossexual, manifesta perceber o pai como figura que exerce maior restrição à expressão da individualidade própria, cuja ação dificulta a aquisição da autonomia. Por outro lado, verifica-se a desvalorização da figura paterna (i.e., modelo negativo do outro), cuja relação é de natureza prescindível, expressa pelos fracos índices de ansiedade de separação e dependência (i.e., protótipo de vinculação desinvestida ao pai). O resultado é consistente com o estudo de Silva e Costa (2005), o qual provou que o estilo de vinculação desinvestido, e amedrontado, caracteriza-se pelo evitamento do relacionamento interpessoal e reduzida ansiedade de separação e dependência.

Em oposição, os participantes heterossexuais tendem a perceber o pai como figura facilitadora da aquisição de autonomia, entendida como única, fundamental e duradoura. Contudo, demonstram maior ansiedade e medo de separação do pai, o que denuncia relação de dependência e sugere a presença de um vínculo inseguro (i.e., protótipo de vinculação preocupada ao pai). Este resultado enquadra-se no estudo de Silva e Costa (2005), o qual evidencia que a elevada ansiedade de separação e dependência, e bom laço emocional paterno, corresponde ao protótipo de vinculação preocupado.

No que respeita à qualidade de vinculação à mãe, os participantes homossexuais, comparativamente com os heterossexuais, expressam maior inibição da exploração e individualidade, o que dificulta, à semelhança do pai, a aquisição de autonomia. Paralelamente, desenvolvem relação de maior dependência, patente na ansiedade e medo de separação materna. Estes dados indiciam tendência para a representação do protótipo de vinculação preocupada, à mãe, e são suportados por outros estudos. Nesse sentido, quando a aquisição da autonomia não é facilitada, pelos pais, ocorre a disposição para a dúvida, vergonha, medo de perder o controlo (Silva e Costa, 2005), fracos níveis de suporte social, íntimo e casual (Ramalho, 2008), o que revela ser característica da vinculação ansiosa (Kobak, 1999).

Relativamente à qualidade de vinculação à mãe, na amostra heterossexual, comparativamente com a homossexual, apuramos que a aquisição da autonomia tende, à semelhança do pai, a ser facilitada pela mãe e, conseqüentemente, promove menor ansiedade de separação e dependência. Estes dados expressam relação portadora de maior equilíbrio, confiança e suporte, o que sugere a presença do modelo de representação interna positiva, de

si e do outro, ingrediente ativo e primordial para o protótipo de vinculação segura à mãe. O resultado adequa-se à investigação de Bartholomew e Horowitz (1991), a qual apurou que sujeitos portadores do protótipo de vínculo seguro desfrutam de representação positiva, de si e dos outros, dependem confortavelmente dos outros sem perderem a autonomia, nem deixarem de aceitar o suporte dos pais.

No âmbito da qualidade de vínculo ao par amoroso, conferimos que a amostra homossexual, comparativamente com a heterossexual, apresenta forte tendência para a desconfiança, ambivalência e evitamento ao par amoroso, o que expressa a desvalorização, insegurança e dúvida quanto ao parceiro amoroso. Os resultados conferidos anteriormente, no âmbito da qualidade de vinculação ao pai e à mãe, delatam vínculo duplamente inseguro aos progenitores (i.e., protótipo de vinculação desinvestida e preocupada, respetivamente), marcado pelo grau de dependência materna, distanciamento e desvalorização paterna, a par de forte restrição à exploração da individualidade conferida por ambos os progenitores.

O vínculo inseguro aos pais parece ser propagado à adultez, através do modelo de representação interna, cunhado pela insegurança patente nas relações subsequentes (Bowlby, 1969; Collins e Read, 1994; Feeney e Noller, 1996; Lewis, Feiring, McGuffog e Jaskir, 1984). Ingredientes tóxicos como o ciúme, suspeição, medo e desinvestimento no outro, rompem a confiança, a mutualidade e promovem o designado protótipo de vinculação amedrontada e desinvestida ao par amoroso.

Os nossos resultados são validados por Colgan (1987). Segundo o autor, as dificuldades nas relações íntimas dos homossexuais masculinos, advêm das respostas negativas das famílias, e dos pares, à não-conformidade do género. Colgan (1987) descreve as dificuldades interpessoais em termos de *sobreapego* (overattachment) e *sobreseparação* (overseparation) nos relacionamentos de intimidade.

No que respeita à amostra heterossexual, comparativamente com a homossexual, e no âmbito da qualidade de vínculo ao par amoroso, apuramos índices mais elevados de confiança ao par amoroso (i.e., modelo positivo de si e do outro) e, paralelamente, menor evitamento e menor ambivalência ao par romântico. Estes dados sugerem tendência para o vínculo seguro, representado na organização do protótipo de vinculação segura ao par amoroso. Apesar da vinculação insegura ao pai e segura à mãe, anteriormente demonstrada, a existência do vínculo seguro ao par amoroso sugere um modelo de representação interna, estabelecido na infância com a mãe, suficientemente organizador e replicado na vida adulta e relações subsequentes (Bowlby, 1969). Nesse sentido, sujeitos seguros relatam vivências relacionais mais positivas, maior satisfação, confiança, compromisso e interdependência,

sendo que os inseguros tendem a vivências emocionais de tonalidade negativa, associadas ao conflito, ciúme (Matos, 2002), suspeição e indisponibilidade para a autêntica intimidade que suporta a mutualidade das relações (Collins e Sroufe, 1999). Os resultados confirmam a hipótese inicial de que os sujeitos homossexuais revelam níveis mais elevados de características traumáticas e de centralidade, das memórias de vergonha, recordam menos memórias precoces de calor e segurança e, paralelamente, revelam tendência para o vínculo inseguro, sobretudo ao pai e ao par amoroso.

O segundo estudo tem como objetivo investigar a relação entre as características traumáticas e a centralidade para a identidade, das memórias de vergonha, as memórias precoces de calor e segurança e a qualidade de vinculação ao pai, à mãe e ao par amoroso, tendo em consideração a orientação sexual dos participantes em estudo.

No âmbito da qualidade de vinculação ao pai, e relativamente à amostra homossexual, os resultados apurados indicam que as memórias de vergonha, com características traumáticas, estão forte e positivamente associadas à restrição da expressão da individualidade própria, à desvalorização do pai e a menor ansiedade e medo de separação daquela figura. Isto indica que quanto mais traumáticas são estas memórias, maior é o afastamento e a insegurança em termos de vinculação ao pai. Estes dados sugerem o protótipo de vinculação desinvestida ao pai. Na amostra heterossexual não constatamos associação significativa entre estas variáveis.

Quanto à qualidade de vinculação à mãe, no âmbito da amostra homossexual, conferimos que a presença de memórias de vergonha, com características traumáticas, está associada à valorização da figura materna, à aproximação e relação de dependência com a mesma. Estes dados sugerem que a mãe funciona como porto de refúgio das memórias de vergonha com características traumáticas, o que pronuncia uma relação de sobreapego e organização do protótipo de vinculação preocupada à mãe. No que concerne à amostra heterossexual, os resultados indicam que as memórias de vergonha, com características traumáticas, estão direta e moderadamente relacionadas com a restrição da expressão da individualidade própria, e fracamente associadas a maior ansiedade e medo de separação materna. Os nossos resultados validam a hipótese inicialmente formulada e acrescentam ao conhecimento científico desta área, uma vez que estes aspetos nunca haviam sido abordados.

No âmbito da relação entre a centralidade para a identidade, das memórias de vergonha, e a qualidade de vínculo ao pai e à mãe, relativamente à qualidade de vinculação ao pai, na amostra homossexual, apuramos que a centralidade para a identidade, das memórias de vergonha, está direta e fortemente associada à restrição da autonomia e individualidade própria, à desvalorização, desinvestimento, menor ansiedade e medo de separação, da figura

paterna, cuja relação é considerada de natureza banal e prescindível. Estes dados indicam a representação do protótipo de vinculação desinvestida ao pai. Quanto à amostra heterossexual, os resultados apontam que a centralidade das memórias de vergonha está fracamente associada a menor laço emocional, ou seja à desvalorização da figura paterna.

No âmbito da qualidade de vinculação à mãe e relativamente aos homossexuais, constatamos que a centralidade para a identidade das memórias de vergonha está positiva e moderadamente associada à ansiedade e medo de separação, o que revela uma relação de dependência com a figura materna. Na amostra heterossexual constatamos a mesma relação, embora de amplitude fraca. Estes dados sugerem que a centralidade das memórias de vergonha está associada, com maior evidência na amostra homossexual, à organização correspondente ao protótipo de vinculação preocupada à mãe. Os nossos resultados corroboram a hipótese inicialmente projetada e incrementam o conhecimento científico da área, uma vez que estes aspetos nunca haviam sido analisados.

No que respeita à relação entre as memórias precoces de calor e segurança e a qualidade de vinculação ao pai e à mãe, relativamente à amostra homossexual e figura paterna, os resultados indicam que a presença de memórias de experiências positivas, na infância e/ou adolescência, estão fortemente relacionadas com a aquisição de autonomia, isto é com a menor restrição da exploração e individualidade, fator indispensável à aquisição do sentimento de confiança, pertença e suporte, essenciais para o estabelecimento de vínculo seguro ao pai. No âmbito da amostra heterossexual verificamos a mesma associação, embora de natureza moderada.

Relativamente à mãe e à amostra homossexual, apuramos que quanto maior for a presença de memórias de experiências positivas, na infância e/ou adolescência, menor será a ansiedade e medo de separação materna, ou seja menor será a relação de dependência. Isto indica que as experiências precoces positivas estão, direta e positivamente, relacionadas com o vínculo seguro à figura materna. No que se refere aos heterossexuais, aquelas memórias estão fracamente associadas a menor inibição da exploração e individualidade e moderadamente associadas a maior laço emocional materno, ou seja, a maior valorização daquela figura. Os resultados apurados legitimam a hipótese inicialmente enunciada. Por outro lado, são validados pelo estudo de Rodrigues et al. (2004), o qual apurou que indivíduos com estilo de vinculação segura têm mais representações positivas, da interação com os pais, durante a infância, o que salienta a importância do suporte emocional conferido pelos progenitores. No mesmo sentido, Collins e Read (1990), Feeney e Noller (1990) e Hazan e Shaver (1987), constataram que os sujeitos seguros revelam recordações mais

positivas, descrevendo as figuras parentais como carinhosas, atentas, disponíveis e capazes de responder às suas necessidades.

Quanto à relação entre as características traumáticas das memórias de vergonha e a qualidade de vinculação ao par amoroso, os resultados apontam, no que respeita à amostra homossexual, que as experiências de vergonha, com características traumáticas, estão diretamente associadas à desconfiança e maior ambivalência do sujeito relativamente ao par amoroso. Estes dados indiciam propensão para protótipo de vinculação amedrontado ao par amoroso. Os nossos resultados confirmam a hipótese inicialmente enunciada. Por outro lado, ampliam o conhecimento científico desta área, pois estas questões nunca haviam sido examinadas.

Em termos da relação entre a centralidade para a identidade das memórias de vergonha e a qualidade de vínculo ao par amoroso, relativamente à amostra homossexual, os resultados evidenciam que a centralidade para a identidade das memórias de vergonha está positiva e fortemente associada à ambivalência, ou seja ao protótipo de vinculação amedrontado ao par amoroso. Paralelamente, no que concerne à amostra heterossexual, apuramos que a centralidade está direta e moderadamente relacionada com a dependência e ambivalência ao par amoroso, indiciando maior propensão para o protótipo de vinculação preocupado e amedrontado ao parceiro amoroso. Os nossos resultados validam a hipótese inicialmente formulada e, conseqüentemente, permitem engrandecer o conhecimento científico da área, face à inexistência de estudos que observassem estes aspetos.

No que concerne à associação entre as memórias precoces de calor e segurança e a qualidade de vínculo ao par amoroso, quanto aos participantes homossexuais, os resultados apontam que a presença de memórias de experiências positivas, na infância e/ou adolescência, estão fortemente relacionadas com a menor ambivalência, ou seja maior segurança ao parceiro amoroso. Opostamente, constatamos que, na amostra heterossexual, as experiências precoces positivas estão fracamente associadas a menor evitamento do parceiro amoroso, o que sugere maior valorização do par romântico. Os nossos resultados confirmam a hipótese inicialmente enunciada e, simultaneamente, ampliam o conhecimento científico da área, uma vez que estas questões nunca foram exploradas.

Por último, relativamente à análise da relação entre a qualidade de vinculação ao pai, à mãe e a qualidade do vínculo ao par amoroso, no que concerne aos homossexuais e à figura paterna, os resultados sugerem que a inibição da exploração e individualidade, ou seja a restrição da autonomia, associa-se fortemente à desconfiança e maior ambivalência ao par amoroso. Estes dados significam que a restrição da autonomia está muito associada à

insegurança ao par amoroso, o que sugere a representação do protótipo de vinculação amedrontado ao par amoroso.

As nossas conclusões estão de acordo com Isay (1990), cujo estudo enfatizou a peculiar importância da relação paterna, sendo que a rejeição paterna justifica a dificuldade em constituir relações amorosas de confiança na vida adulta. Paralelamente, o pobre relacionamento paterno, na infância, pode causar impacto na segurança de vinculação nas relações românticas, adultas, em homossexuais masculinos (Landolt et al., 2004).

Por outro lado, a qualidade de laço emocional e a ansiedade de separação e dependência, paterna, associa-se à valorização, ou seja à confiança, e à menor ambivalência ao par amoroso. Isto evidencia o papel primordial, desempenhado pelo laço emocional e ansiedade de separação e dependência ao pai, pouco presente na amostra homossexual, e representada na organização do protótipo de vínculo seguro ao par amoroso. As nossas conclusões combinam com outro estudo, o qual evidenciou que a percepção de cuidado parental, em homossexuais masculinos, homossexuais femininos e bissexuais, alimenta a vinculação segura nas relações românticas, promove a confiança, ao par amoroso romântico, e o otimismo quanto ao futuro da relação (Carnelley, Hepper, Hicks e Turner, 2011),

Relativamente à mãe, os resultados expressam que a ansiedade de separação e dependência encontra-se articulada com a desconfiança e maior ambivalência ao par amoroso nos homossexuais. Paralelamente, o laço emocional positivo, materno, está igualmente associado à desconfiança ao par amoroso. Estes dados indicam disposição para o protótipo de vinculação amedrontado ao par amoroso. Os nossos resultados são corroborados pela pesquisa conduzida por Carnelley e colaboradores (2011), cuja amostra totalizou 309 indivíduos, compostos por homossexuais masculinos, homossexuais femininos e bissexuais, comprovando que as memórias de experiências de infância, com os pais, predizem a vinculação amorosa. Por outro lado, a superproteção materna relaciona-se à vinculação ansiosa (Carnelley et al., 2011), e a rejeição paterna é associada à vinculação evitante (Landolt et al., 2004). Estas conclusões, à semelhança dos estudos conduzidos por Feeney e Raphael (1992) e Mohr (2008), suportam o argumento de que a teoria da vinculação tem lugar na compreensão do vínculo de pares românticos homossexuais masculinos.

No que concerne ao grupo heterossexual e à figura paterna, apuramos que o laço emocional positivo surge associado, à semelhança dos homossexuais, mas de forma fraca, com a maior confiança, bem como associado à menor ambivalência e menor evitamento do par amoroso. Paralelamente, a presença de ansiedade e medo de separação paterna, surge moderadamente associada a menor evitamento do par amoroso, ou seja, maior valorização do

mesmo. Estes dados sugerem, tal como na amostra homossexual, a importância do laço emocional e ansiedade de separação e dependência paterna, no que concerne à organização do protótipo de vinculação segura ao par amoroso.

Quanto à figura materna, o laço emocional positivo surge moderadamente relacionado com a maior confiança, menor ambivalência e menor evitamento ao par amoroso nos heterossexuais. Opostamente aos homossexuais da amostra, concluímos que o laço emocional materno é o elemento promotor do protótipo de vínculo seguro ao par amoroso. Por outro lado, apurámos que a ansiedade e medo de separação da mãe, presente em menor grau, comparativamente com os homossexuais, está moderadamente articulada à maior dependência e menor evitamento do parceiro amoroso. A dependência da figura materna surge, assim, associada ao protótipo de vinculação preocupado ao par amoroso. Os nossos resultados legitimam a hipótese inicialmente delineada e, simultaneamente, são consistentes com outras pesquisas, realizadas com heterossexuais, as quais evidenciam que a vinculação romântica surge associada à confiança (Mikulincer, 1998) e ao otimismo (Carnelley e Janoff-Bulman, 1992).

Os resultados apurados devem ser interpretados tendo em conta algumas limitações metodológicas. O facto de algumas escalas serem de carácter retrospectivo e, portanto, apelarem a memórias de infância e adolescência, podem condicionar a interpretação dos resultados obtidos. Assim, estudos futuros poderão recorrer à entrevista semiestruturada, nomeadamente a Entrevista de Experiências de Vergonha (Matos, 2012), no intuito de elevar a precisão e confiança na avaliação destas memórias.

Outra limitação prende-se com a dimensão da amostra, e exclusão de homossexuais femininos, o que impede a generalização dos resultados a esta população. Nesse sentido, investigações futuras poderão tentar replicar estes resultados com amostras de dimensão superior, contemplando homossexuais masculinos e femininos, com o propósito de aumentar a generabilidade dos nossos resultados. Por outro lado, este estudo é de natureza transversal e correlacional, o que não permite retirar conclusões acerca das relações de causalidade. Contudo, estudos futuros, de carácter prospetivo e longitudinal, poderão ultrapassar esta limitação e perceber a presença, ou ausência, da relação de causalidade.

Conclusão

Apesar das limitações, este é o primeiro estudo a examinar as características traumáticas e a centralidade para a identidade, das memórias de vergonha, mostrando que os homossexuais da amostra, comparativamente com os heterossexuais, manifestam mais experiências de vergonha, com mais características traumáticas e maior centralidade para a identidade, na

infância e/ou adolescência, fortemente associadas a poucas memórias de experiências precoces positivas. Paralelamente, constatamos que aquelas experiências traumáticas e a centralidade das memórias de vergonha, reforçadas por fracas memórias precoces de calor e segurança, estão associadas a vínculos inseguros aos progenitores.

A percepção do cuidado parental, nos homossexuais masculinos, é pautada por pobre laço emocional, desvalorização e distanciamento paterno, reveladores de banalização e desinvestimento naquela figura, o que embarga a confiança nas relações amorosas da adultez. A contrastar, o laço emocional positivo e ansiedade de separação materna, denunciam relação de dependência. Esta dualidade de sentimentos institui a percepção de um cuidado parental inconsistente, frágil e intranquilo. O modelo de representação interna daí advindo, prima pela toxicidade, particularmente pela desconfiança, evitamento, insegurança e dúvida, os quais perigam e agonizam, posteriormente, as relações de intimidade, representadas no protótipo de vinculação desinvestida e amedrontada ao par amoroso.

Não obstante, verificamos que o laço emocional positivo e a presença de ansiedade de separação e dependência à figura paterna, consideravelmente ausentes na amostra, são constituintes indispensáveis à organização do protótipo de vínculo seguro nas relações amorosas homossexuais.

No âmbito da amostra heterossexual apuramos tendência para o protótipo de vinculação segura ao par amoroso, fundado no laço emocional positivo e ansiedade de separação e dependência da figura paterna, muito evidentes nesta amostra e fundamentais, na vida adulta, para a organização do protótipo de vinculação segura ao par amoroso.

Este estudo pode ter implicações, quer para a investigação na área, quer em termos preventivos. Os nossos resultados salientam a importância de alertar as populações, quanto ao papel preponderante das memórias de vergonha, experiências precoces positivas e qualidade de vinculação ao pai, prestando um contributo válido no sentido de evitar os efeitos negativos e vitimização destas crianças. Assim, cremos ser pertinente sensibilizar e despertar os agentes educativos, sobretudo pais e educadores, quanto ao potencial efeito devastador das experiências de vergonha (e.g., exposição a críticas), particularmente em homossexuais.

Os resultados deste estudo primam, na íntegra, pelo respeito à orientação sexual. Jamais foi nosso propósito promover o preconceito, a homofobia, instituir a hetero ou *homonormatividade*. O Homem é um ser único, singular, e por natureza inapto à formatação. Reside aí a essência da diversidade patente na espécie humana.

Bibliografia

- Ainsworth, M. D. (1989). Attachments beyond infancy. *American Psychologist*, 44 (4), 709-716. doi: 10.1037//0003-066X.44.4.709
- Ainsworth, M. D. (1991). Attachments and other affectional bonds across the life cycle. Em C. M. Parkes, J. Stevenson-Hinde e P. Marris (Eds). *Attachment across the life cycle*. New York: Routledge.
- Ainsworth, M. D., Blehar, M. C., Waters, E. e Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation*. Hillsdale: Erlbaum.
- Baldwin, M. W. e Dandeneau, S. D. (2005). Understanding and modifying the relational schemas underlying insecurity. Em M. W. Baldwin (Ed). *Interpersonal cognition* (pp.33-61). New York: The Guilford Press.
- Bartholomew, K. (1990). Avoidance of intimacy: an attachment perspective. *Journal of Social and Personal Relationships*, 7 (2), 147–178. doi: 10.1177/0265407590072001
- Bartholomew, K. e Horowitz, L. M. (1991). Attachment styles among young adults: a test of a four-category model. *Journal of Personality and Social Psychology*, 61 (2), 226–244. doi: 10.1037//0022-3514.61.2.226
- Bartholomew, K. e Shaver, P. R. (1998). Methods of assessing adult attachment. Do they converge? Em J. A. Simpson e W. S. Rholes (Eds). *Attachment theory and close relationships* (pp. 25-45). New York: Guilford Press.
- Berntsen, D. e Rubin, D. C. (2002). Emotionally charged autobiographical memories across life span: The recall of happy, sad, traumatic, and involuntary memories. *Psychology and Aging*, 17 (4), 636-652. doi: 10.1037/0882-7974.17.4.636
- Berntsen, D. e Rubin, D. C. (2006). The centrality of event scale: A measure of integrating a trauma into one's identity and its relation to post-traumatic stress disorder symptoms. *Behaviour Research and Therapy*, 44 (2), 219-231. doi: 10.1016/j.brat.2005.01.009
- Berntsen, D. e Rubin, D. C. (2007). When a trauma becomes a key to identity: enhanced integration of trauma memories predicts posttraumatic stress disorder symptoms. *Applied Cognitive Psychology*, 21 (4), 417-431. doi: 10.1002/acp.1290
- Bowlby, J. (1969). *Attachment and loss: Vol. 1. Attachment*. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and loss: Vol. 2. Separation, anxiety and anger*. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1988). *A secure base: Clinical applications of the attachment theory*. London: Routledge.

- Bowlby, J. (2003). *A secure base – clinical applications of attachment Theory*. New York: Brunner-Routledge.
- Brewin, C.R., Reynolds, M. e Tata, P. (1999). Autobiographical memory processes and the course of depression. *Journal of Abnormal Psychology*, 108 (3), 511-517. doi: 10.1037//0021-843X.108.3.511
- Carnelley, K. B., Hepper, E. G., Hicks, C. e Turner, W. (2011). Perceived parental reactions to coming out, attachment, and romantic relationship views. *Attachment and Human Development*, 13 (3), 217-236. doi: 10.1080/14616734.2011.563828
- Carnelley, K. B. e Janoff-Bulman, R. (1992). Optimism about love relationships: general vs specific lessons from one's personal experiences. *Journal of Social and Personal Relationships*, 9 (1), 5-20. doi: 10.1177/0265407592091001
- Cardeira, J. (2009). Vinculação e funcionamento cognitivo da criança: o contexto de interação mãe-filho. *Psicologia.COM.PT*, 1-22. Obtido em <http://www.psicologia.com.pt/artigos/textos/TL0135.pdf>
- Cid, T. (2012). *Vergonha Sentida Durante uma Experiência Traumática: características psicométricas da versão portuguesa da Escala Trauma Related Shame Inventory e estudo da relação da vergonha traumática com as características de memória traumática e centrais de experiências de vergonha, memórias precoces de calor/afeto e segurança, experiências precoces de vergonha, vergonha atual e psicopatologia*. Dissertação de mestrado não publicada, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade de Coimbra.
- Claesson, K. e Sohlberg, S. (2002). Internalized shame and early interactions characterized by indifference, abandonment and rejection: replicated findings. *Clinical Psychology and Psychotherapy*, 9 (4), 277-284. doi: 10.1002/cpp.331
- Colgan, P. (1987). Treatment of identity and intimacy issues in gay males. *Journal of Homosexuality*, 14 (1-2), 101–123. doi: 10.1300/J082v14n01_09
- Collins, N. L. e Read, S. J. (1990). Adult attachment, working models and relationship quality in dating couples. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58 (4), 644-663. doi: 10.1037/0022-3514.58.4.644
- Collins, N. L. e Read, S. J. (1994). Cognitive representations of attachment: The content and function of working models. Em K. Bartholomew e D. Perlman (Eds). *Advances in personal relationships: attachment processes in adulthood* (Vol. 5, pp. 53–90). London: Jessica Kingsley.

- Collins, W. A. e Sroufe, L. A. (1999). Capacity for intimacy relationships: a developmental construction. Em W. Furman, B. B. Brown e C. Feiring (Eds). *The development of romantic relationships in adolescence* (pp. 125-147). New York: Cambridge University Press.
- Cunha, M., Martinho, M. I., Xavier, A. M. e Espírito-Santo, H. (2013). Early memories of positive emotions and its relationships to attachment styles, self-compassion and psychopathology in adolescence. *European Psychiatry*, 28 (1), p.1. doi: 10.1016/S0924-9338(13)76444-7
- Custódio, I. (2012). A Importância das memórias emocionais para a construção do eu e proximidade ao grupo: Um estudo exploratório da sua contribuição para a psicopatologia. Dissertação de mestrado não publicada, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade de Coimbra.
- De Minzi, M. C. R. (2006). Loneliness and depression in middle and late childhood: the relationship to attachment and parental styles. *The Journal of Genetic Psychology: Research and Theory on Human Development*, 167 (2), 189-210. doi: 10.3200/GNTP.167.2.189-210
- Feeney, J. A. e Noller, P. (1990). Attachment style as a predictor of adult romantic relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58 (2), 281-291. doi: 10.1037//0022-3514.58.2.281
- Feeney, J. A. e Noller, P. (1996). *Adult attachment*. California: Sage Publications.
- Feeney, J. A. e Raphael, B. (1992). Adult attachments and sexuality: implications for understanding risk behaviours for HIV infection. *The Australian and New Zealand Journal of Psychiatry*, 26 (3), 399-407. doi: 10.3109/00048679209072062
- Feiring C, Taska, L. e Lewis, M. (2002). Adjustment following sexual abuse discovery: the role of shame and attributional style. *Developmental Psychology*, 38 (1), 79-92. doi: 10.1037/0012-1649.38.1.79
- Gilbert, P. (1989). *Human nature and suffering*. Hove: Lawrence Erlbaum Associates.
- Gilbert, P. (1998). What is shame? Some core issues and controversies. Em P. Gilbert e B. Andrews (Eds). *Shame: interpersonal behavior, psychopathology and culture* (pp.3-36). New York: Oxford University Press.
- Gilbert, P. (2000). The relationship of shame, social anxiety and depression: the role of the evaluation of social rank. *Clinical Psychology and Psychotherapy*, 7 (3), 174-189. doi: 10.1002/1099-0879(200007)7:3

- Gilbert, P. (2002). Body Shame: A biopsychosocial conceptualization and overview, with treatment implications. Em P. Gilbert e J. Miles (Eds.). *Body shame, conceptualisation, research and treatment* (pp. 3-54). London: Routledge.
- Gilbert, P. (2003). Evolution, social roles and the differences in shame and guilt. *Social Research: An International Quarterly*, 70 (4), 1205-1230. Obtido em <http://www.jstor.org/discover/10.2307/40971967?uid=3738880&uid=2&uid=4&sid=21103749774863>
- Gilbert, P. (2006). A biopsychosocial and evolutionary approach to formulation with a special focus on shame. Em N. Tarrow (Ed). *Case formulation in cognitive behaviour therapy: the treatment of challenging and complex cases* (pp. 81–112). Hove: Routledge.
- Gilbert, P. (2007). The evolution of shame as a marker for relationship security. Em J. L. Tracy, R. W. Robins e J. P. Tangney (Eds). *The self-conscious emotions: theory and research* (pp. 283-309). New York: Guilford Press.
- Gilbert P., Allan S. e Goss, K. (1996). Parental representations, shame, interpersonal problems, and vulnerability to psychopathology. *Clinical Psychology and Psychotherapy*, 3 (1), 23-34. doi: 10.1002/(SICI)1099-0879(199603)3:1
- Gilbert, P., Cheung, M. S-P., Grandfield, T., Campey, F. e Irons, C. (2003). Recall of threat and submissiveness in childhood: development of a new scale and its relationship with depression, social comparison and shame. *Clinical Psychology and Psychotherapy*, 10 (2), 108-115. doi: 10.1002/cpp.359
- Gilbert, P. e Irons, C. (2005). Focused therapies and compassionate mind training for shame and self-attacking. Em P. Gilbert (Ed). *Compassion: Conceptualizations, research and use in psychotherapy* (pp.263-325). London: Routledge.
- Gilbert, P. e Irons, C. (2009). Shame, self-criticism, and self-compassion in adolescence. Em N.B. Allen e L. B. Sheeber (Eds). *Adolescent emotional development and the emergence of depressive disorders* (pp. 195-214). Cambridge: Cambridge University Press.
- Gilbert, P. e Procter, S. (2006). Compassion mind training for people with high shame and self criticism; overview and pilot study of a group therapy approach. *Clinical Psychology and Psychotherapy*, 13 (6), 353-379. doi: 10.1002/cpp.507
- Hackmann, A., Ehlers, A., Speckens, A. e Clark, D. M. (2004). Characteristics and content of intrusive memories in PTSD and their changes with treatment. *Journal of Traumatic Stress*, 17 (3), 231-240. doi: 10.1023/B:JOTS.0000029266.88369.f0

- Hazan, C. e Shaver, P. R. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52 (3), 511-524. doi: 10.1037//0022-3514.52.3.511
- Howell, D. C. (2006). *Statistical methods for psychology* (6th ed.). New York: Thomson Wadsworth.
- Irons, C. e Gilbert, P. (2005). Evolved mechanisms in adolescent anxiety and depression symptoms: the role of the attachment and social rank systems. *Journal of Adolescence*, 28 (3), 325-341. doi: 10.1016/j.adolescence.2004.07.004
- Isay, R. A. (1990). *Being homosexual: gay men and their development*. New York: Farrar Straus Giroux.
- Kaufman, G. (1989). *The psychology of shame*. New York: Springer.
- Kobak, R. (1999). The emotional dynamics of disruptions in attachment relationships. Implications for theory, research, and clinical intervention. Em J. Cassidy e P. R. Shaver (Eds). *Handbook of attachment: theory, research, and clinical applications* (pp. 21-43). New York: The Guilford Press.
- Kurdek, L. A. (2002). On Being Insecure about the Assessment of Attachment Styles. *Journal of Social and Personal Relationships*, 19 (6), 811-834. doi: 10.1177/0265407502196005
- Landolt, M. A., Bartholomew, K., Saffrey, C., Oram, D., Perlman, D. (2004). Gender nonconformity, childhood rejection, and adult attachment: A study of gay men. *Archives of Sexual Behavior*, 33 (2), 117–128. doi: 10.1023/B:ASEB.0000014326.64934.50
- Lee, D. A., Scragg, P. e Turner, S. (2001). The role of shame and guilt in traumatic events: A clinical model of shame-based and guilt-based PTSD. *British Journal of Medical Psychology*, 74 (4), 451-466. doi: 10.1348/000711201161109
- Lewis, M. (1992). *Shame: the exposed self*. New York: The Free Press.
- Lewis, M. (2008). Self-conscious emotions: embarrassment, pride, shame and guilt. Em M. Lewis, J. M. Haviland-Jones e L. F. Barrett (Eds). *Handbook of emotions (3rd Edition)* (pp. 742-756). New York: Guildford Press.
- Lewis, M., Feiring, C., McGuffog, C. e Jaskir, J. (1984). Predicting psychopathology in six-year-olds from early social relations. *Child Development*, 55 (1), 123-136. doi: 10.2307/1129839
- Lourenço, S., Palmeira, L., Dinis, A. e Pinto-Gouveia, J. (2010). Validação das emoções na infância: vergonha, ansiedade e sintomatologia depressiva. *Psychologica*, 52 (2), 499 – 526.

- Martinho, M. (2012). O papel das memórias positivas precoces nos estilos de vinculação e estados emocionais negativos dos adolescentes. Dissertação de mestrado não publicada, Instituto Superior Miguel Torga de Coimbra.
- Matos, P. M. (2002). *(Des)continuidades na vinculação aos pais e ao par amoroso em adolescentes*. Dissertação de doutoramento não publicada, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade do Porto.
- Matos, M. (2012). Shame memories that shape who we are. Dissertação de doutoramento não publicada, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade de Coimbra.
- Matos, M. e Pinto-Gouveia, J. (2010). Shame as a traumatic memory. *Clinical Psychology and Psychotherapy*, 17 (4), 299-312. doi: 10.1002/cpp.659
- Matos, M., Pinto-Gouveia, J. e Costa, V. (2013). Understanding the importance of attachment in shame traumatic memory relation to depression: the impact of emotion regulation processes. *Clinical Psychology and Psychotherapy*, 20 (2), 149-165. doi: 10.1002/cpp.786
- Matos, M., Pinto-Gouveia, J. e Duarte, C. (2011). *Memórias precoces de calor e segurança na infância: estudo das propriedades psicométricas da versão Portuguesa da EMWSS*. Manuscrito em preparação.
- Matos, M., Pinto-Gouveia, J. e Duarte, C. (2013). Internalizing early memories of shame and lack of safeness and warmth: the mediating role of shame on depression. *Behavioral and Cognitive Psychotherapy*, 41 (4), 479-493. doi: 10.1017/S1352465812001099
- Matos, M., Pinto-Gouveia, J. e Gomes, P. (2010). A centralidade das experiências de vergonha: estudo das propriedades psicométricas da versão portuguesa da escala da centralidade do acontecimento. *Psicologia*, 24 (1), 73-95.
- Matos, M., Pinto-Gouveia, J. e Martins, S. (2011). O impacto traumático das experiências de vergonha: estudo das propriedades psicométricas da versão Portuguesa da escala do Impacto do Acontecimento – Revista (IES-R). *Psychologica*, 54, 413-438.
- Matos, P. M., Barbosa, S. e Costa, M. E. (2001). Avaliação da vinculação amorosa em adolescentes e jovens adultos: Construção de um instrumento e estudos de validação. *Ridep*, 11 (1), pp. 93-109.
- Matos, P. M. e Costa, M. E. (2001). *Questionário de vinculação ao pai e à mãe (QVPM): versão revista*. Manuscrito não publicado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto.

- Mikulincer, M. (1998). Attachment working models and the sense of trust: An exploration of interaction goals and affect regulation. *Journal of Personality and Social Psychology*, 74 (5), 1209-1224. doi: 10.1037//0022-3514.74.5.1209
- Mikulincer, M. e Shaver, P. R. (2007). *Attachment in adulthood: structure, dynamics, and change*. New York: The Guilford Press.
- Milic, J. H. e Crowne, D. P. (1986). Recalled parent-child relations and need for approval of homosexual and heterosexual men. *Archives of Sexual Behavior*, 15 (3), 239-246. doi: 10.1007/BF01542415
- Mohr, J. J. (2008). Same-sex romantic attachment. Em J. Cassidy e P. R. Shaver (Eds). *Handbook of attachment: theory, research and clinical implications* (2nd edition) (pp. 482-502). New York: The Guilford Press.
- Nathanson, D. L. (1994). *Shame and pride: affect, sex, and the birth of the self*. New York: Norton & Company.
- Pestana, M. e Gageiro, J. (2008). *Análise de dados para ciências sociais: a complementaridade do SPSS* (5^a Edição). Lisboa: Edições Sílabo.
- Phelan, J. E. (1996). Recollections of their fathers by homosexual and heterosexual men. *Psychological Reports*, 79 (3), 1027-1034. doi: 10.2466/pr0.1996.79.3.1027
- Pinto-Gouveia, J. e Matos, M. (2011). Can shame memories become a key to identity? The centrality of shame memories predicts psychopathology. *Applied Cognitive Psychology*, 25 (2), 281-290. doi: 10.1002/acp.1689
- Ramalho, C. (2008). *(Os) nós e os laços: vinculação, suporte social e bem-estar em jovens adultos*. Dissertação de mestrado não publicada, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa.
- Richter, A., Gilbert, P. e McEwan, K. (2009). Development of an early memories of warmth and safeness scale and its relationship to psychopathology. *Psychology and Psychotherapy: Theory, Research and Practice*, 82 (2), 171-184. doi: 10.1348/147608308X395213
- Rodrigues, A., Figueiredo, B., Pacheco, A., Costa, R., Cabeleira, C., Magarinho, R.(2004). Memória de cuidados na infância, estilo de vinculação e qualidade da relação com pessoas significativas: Estudo com grávidas adolescentes. *Análise Psicológica*, 22 (4), 643-665.
- Rubin, D. C. (2005). A Basic-systems approach to autobiographical memory. *Current Directions in Psychological Science*, 14 (2), 79-83. doi: 10.1111/j.0963-7214.2005.00339.x

- Silva, M. e Costa, M. (2005). Vinculação aos pais e ansiedade em jovens adultos. *Psicologia*, 18 (2), 9-32.
- Skolnick, A. (1986). Early attachment and personal relationships across the life course. Em P. Baltes, D. Featherman e R. Lerner (Eds). *Life-span development and behavior* (Vol.7, pp. 173-206). Hillsdale: Lawrence Erlbaum.
- Sroufe, L. A. (1990). An organizational perspective on the self. Em D. Cicchetti e M. Beeghly (Eds). *The self in transition: infancy to childhood* (pp. 281-307). Chicago: The University of Chicago Press.
- Stuewig, J. e McCloskey, L. (2005). The relation of child maltreatment to shame and guilt among adolescents: psychological routes to depression and delinquency. *Child Maltreatment*, 10 (4), 324-336. doi: 10.1177/1077559505279308
- Tabachnick, B. e Fidell, L. (2007). *Using multivariate statistics*. New York: Pearson Education Inc.
- Talbot, J. A., Talbot, N. L. e Tu, X. (2004). Shame-proneness as a diathesis for dissociation in women with histories of childhood sexual abuse. *Journal of Traumatic Stress*, 17 (5), 445 – 448. doi: 10.1023/B:JOTS.0000048959.29766.ae
- Tangney, J. P. e Dearing, R. L. (2002). *Shame and guilt*. New York: The Guilford Press.
- Teicher, M., Samson, J., Polcari, A. e McGreenery, C. (2006). Sticks, stones, and hurtful words: relative effects of various forms of childhood maltreatment. *American Journal of Psychiatry*, 163 (6), 993-1000. doi: 10.1176/appi.ajp.163.6.993
- Teroni, F. e Deonna, J. A. (2008). Differentiating shame from guilt. *Consciousness and Cognition*, 17 (3), 725-740. doi: 10.1016/j.concog.2008.02.002
- Tomkins, S. (1981). The quest for primary motives: biography and autobiography of an idea. *Journal of Personality and Social Psychology*, 41 (2), 306-329. doi: 10.1037/0022-3514.41.2.306
- Thompson, N. L., Schwartz, D. M., McCandless, B. R. e Edwards, D. A. (1973). Parent-child relationships and sexual identity in male and female homosexuals and heterosexuals. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 41 (1), 120-127. doi: 10.1037/h0035612
- Troop, N. A., Allan, S., Serpell, L. e Treasure J. L., (2008). Shame in women with a history of eating disorders. *European Eating Disorders Review*, 16 (6), 480-488. doi: 10.1002/erv.858
- Wallbott, H. G. e Scherer, K. R. (1995). Cultural determinants in experiencing shame and guilt. Em J. P. Tangney e K. W. Fischer (Eds). *Self-conscious emotions: the psychology*

of shame, guilty, embarrassment, and pride (pp. 465–487). New York: The Guilford Press.

Weiss, D. S. e Marmar, C.R. (1997). The impact of event scale – Revised. Em J. P. Wilson e T. M. Keane (Eds). *Assessing psychological trauma and PTSD* (pp.339 – 411). New York: The Guilford Press.

Anexos

Anexo 1

Breve Explicação do Estudo

O objetivo desta investigação é estudar a emoção de vergonha, isto é, a vivência por parte das pessoas de um sentimento de diminuição e desvalorização pessoal em certas situações. Esta emoção, frequente em todos os seres humanos ao longo da sua vida, pode, contudo, ser fonte de sofrimento pessoal. O seu melhor conhecimento vai permitir ajudar essas pessoas. Por isso, a sua participação neste estudo é valiosa.

Nesse sentido, solicitamos que após o preenchimento dos dados biográficos complete todos os questionários. Não deixe, por favor, **nenhuma questão por responder** – caso contrário todas as respostas serão invalidadas.

Não existem respostas corretas ou erradas. Apenas pretendemos que responda da forma mais sincera e espontânea possível. Os resultados obtidos são estritamente confidenciais - o acesso é completamente vedado excetuando o investigador - e apenas serão utilizados para efeitos de investigação.

Muito Obrigado pela sua participação!

Anexo 2

Dados Sociodemográficos	
Código de Identificação (3 letras/números à sua escolha ou últimos 3 dígitos do n.º de telefone): _____	
Idade: <input type="text"/> anos	Sexo Feminino <input type="checkbox"/> Masculino <input type="checkbox"/>
Estado Civil: Solteiro <input type="checkbox"/> União de facto <input type="checkbox"/> Viúvo <input type="checkbox"/> Divorciado <input type="checkbox"/> Casado <input type="checkbox"/>	
Orientação sexual: Heterossexual <input type="checkbox"/> Homossexual <input type="checkbox"/> Bissexual <input type="checkbox"/> Outro: _____ <input type="checkbox"/>	
Atualmente encontra-se numa relação amorosa? Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>	
Se sim, há quanto tempo? _____	
Profissão: _____	
Data de preenchimento: ____/____/____	
Qual foi o nível mais elevado de escolaridade que completou	
Sabe ler sem possuir o 4.º ano de escolaridade (ou a antiga 4.ª classe)	
4.º Ano de escolaridade (ou antiga 4.ª classe)	
6.º Ano de escolaridade (antigo 2.º ano ou ciclo preparatório)	
9.º Ano de escolaridade (antigo 5.º ano)	
Ensino secundário complementar ou equivalente (antigo 7.º ano)	
Ensino médio (formação técnica ou frequenta o ensino superior)	
Ensino superior (bacharelato, licenciatura)	
Mestrado ou doutoramento	
Profissão/ Ocupação (selecione a opção que considera mais adequada à sua situação laboral)	
Empresários com profissões intelectuais, científicas e técnicas; Empresários da indústria, comércio ou serviços, Empresários do sector primário. Grandes Proprietários.	
Quadros superiores da administração pública, do comércio ou serviços,	
Profissões liberais (médicos, gestores, magistrados, arquitetos, economistas, professores do ensino superior). Artistas.	
Oficiais superiores das Forças Militares. Pilotos de Aviação	
Profissionais técnicos independentes. Empregados de escritório/ de seguros. Bancários.	
Técnicos Superiores (Enfermeiros, Assistentes Sociais, Psicólogos, Contabilistas). Agentes de segurança. Professores do ensino básico e secundário.	
Pequenos patrões da indústria, comércio ou serviços.	
Empregados administrativos do comércio ou serviços.	
Trabalhadores não especializados da indústria e da construção civil. Trabalhadores especializados da indústria (mecânicos, eletricitas).	
Trabalhadores assalariados por conta de outrem (empregados de balcão/ mesa, motoristas, cozinheiros, contínuos). Trabalhadores agrícolas, Vendedores ambulantes. Trabalhadores independentes (eletricitas, canalizadores)	
Estudantes	
Inativos	

Anexo 3
(Impact of Event Scale Revised)
IES-R

(Weiss e Marmar, 1997)

(Tradução e adaptação de Matos, M. e Pinto Gouveia, J., 2006)
(Versão Portuguesa de Matos, M., Pinto-Gouveia, J. e Martins, S., 2011)

Instruções:

A experiência de uma emoção de Vergonha é frequente nos humanos. Quase toda a gente vivência, ao longo da sua vida, experiências de vergonha. Neste estudo estamos interessados em conhecer as suas experiências de vergonha, isto é, situações em que tenha sentido vergonha.

Por Vergonha entende-se a emoção negativa associada a um sentido de diminuição e desvalorização pessoal. Sentimos vergonha quando, numa situação, nos avaliamos (devido a uma ação ou característica) de forma global como desajeitados, diferentes, inadequados, inferiores, fracos, repugnantes ou maus, mas também quando temos ideia de que os outros nos veem como inferiores, defeituosos, inaptos, fracos ou repugnantes.

Quando sentimos vergonha, temos muitas vezes outros sentimentos em simultâneo, como ansiedade, raiva, repugnância e somos assaltados por uma enorme vontade de desaparecer dali, nos escondermos ou fugirmos. De seguida tente recordar-se de uma situação ou experiência (marcante) por que passou em que acha ter sentido Vergonha, durante a sua infância e/ou adolescência.

Em baixo, encontra-se uma lista de dificuldades que as pessoas por vezes sentem após acontecimentos de vida indutores de stress. Por favor, leia cada item e de seguida indique o grau de perturbação/sofrimento que a dificuldade lhe tem provocado AO LONGO DA SUA VIDA, a partir de 6 meses após o acontecimento. Isto é, em relação à experiência de Vergonha de que se recordou, quanto é que se sentiu perturbado ou incomodado por estas dificuldades?

	Nada	Um pouco	Moderada-Mente	Bastante	Muitíssimo
Qualquer coisa que me lembrasse do acontecimento trazia de volta sentimentos sobre isso.	0	1	2	3	4
Tive dificuldades em permanecer a dormir.	0	1	2	3	4
Outras coisas persistiam em fazer-me pensar naquilo.	0	1	2	3	4
Sentia-me irritável e zangado.	0	1	2	3	4
Tentei não ficar perturbado quando pensava nisso ou era lembrado disso.	0	1	2	3	4
Pensei sobre isso quando não era minha intenção.	0	1	2	3	4
Senti como se aquilo não tivesse acontecido ou não fosse real.	0	1	2	3	4
Evitei estar perto de coisas que me lembrassem disso.	0	1	2	3	4

Imagens do acontecimento vinham-me à cabeça.	0	1	2	3	4
Estava agitado e ficava nervoso com facilidade.	0	1	2	3	4
Tentei não pensar no acontecimento.	0	1	2	3	4
Tinha consciência que ainda tinha muitos sentimentos sobre isso, mas não lidava com eles.	0	1	2	3	4
Sentia-me como se estivesse anestesiado em relação a isso	0	1	2	3	4
Dei por mim a agir ou sentir como se estivesse de novo naquela situação.	0	1	2	3	4
Tive dificuldades em adormecer.	0	1	2	3	4
Tive ondas de sentimentos intensos em relação ao acontecimento.	0	1	2	3	4
Tentei tirar isso da memória.	0	1	2	3	4
Tive dificuldades em me concentrar.	0	1	2	3	4
Coisas que me lembravam o acontecimento provocavam-me reações físicas, como transpiração, dificuldades em respirar, enjoos, palpitações.	0	1	2	3	4
Sonhei com isso.	0	1	2	3	4
Senti-me alerta e vigilante.	0	1	2	3	4
Tentei não falar sobre isso.	0	1	2	3	4

Anexo 4 (The Centrality of Event Scale)

CES

(Berntsen, D. e Rubin, D., 2006)

(Tradução e adaptação de Matos, M. e Pinto Gouveia, J., 2006)

(Versão Portuguesa de Matos, M., Pinto-Gouveia, J. e Gomes, P., 2010)

Instruções:

Por favor, pense na experiência marcante de vergonha de que se recordou no questionário anterior e responda às seguintes questões de uma forma honesta e sincera, fazendo um círculo em torno do número (de 1 a 5) que melhor se aplica a si.

1. Este acontecimento tornou-se num ponto de referência na forma como eu percebo novas experiências.	Discordo Totalmente	1	2	3	4	5	Concordo Totalmente
2. Vejo automaticamente conexões e semelhanças entre este acontecimento e experiências na minha vida atual.	Discordo Totalmente	1	2	3	4	5	Concordo Totalmente
3. Sinto que este acontecimento se tornou parte da minha identidade.	Discordo Totalmente	1	2	3	4	5	Concordo Totalmente
4. Este acontecimento pode ser visto como um símbolo ou marca de temas importantes na minha vida.	Discordo Totalmente	1	2	3	4	5	Concordo Totalmente
5. Este acontecimento torna a minha vida diferente da vida da maioria das pessoas.	Discordo Totalmente	1	2	3	4	5	Concordo Totalmente
6. Este acontecimento tornou-se num ponto de referência na forma como eu me percebo a mim e ao mundo.	Discordo Totalmente	1	2	3	4	5	Concordo Totalmente
7. Acredito que pessoas que não passaram por este tipo de acontecimento pensam de forma diferente da mim.	Discordo Totalmente	1	2	3	4	5	Concordo Totalmente
8. Este acontecimento diz muito acerca da pessoa que sou.	Discordo Totalmente	1	2	3	4	5	Concordo Totalmente
9. Frequentemente vejo conexões e semelhanças entre este acontecimento e as minhas relações actuais com outras pessoas.	Discordo Totalmente	1	2	3	4	5	Concordo Totalmente
10. Sinto que este acontecimento se tornou numa parte central da minha história de vida.	Discordo Totalmente	1	2	3	4	5	Concordo Totalmente
11. Penso que pessoas que não vivenciaram este tipo de acontecimento têm uma forma diferente da minha de se verem a si mesmas.	Discordo Totalmente	1	2	3	4	5	Concordo Totalmente
12. Este acontecimento tem influenciado a maneira como eu penso e sinto outras experiências.	Discordo Totalmente	1	2	3	4	5	Concordo Totalmente
13. Este acontecimento tornou-se num ponto de referência na forma como olho para o meu futuro.	Discordo Totalmente	1	2	3	4	5	Concordo Totalmente
14. Se eu tencesse uma tapeçaria da minha vida, este acontecimento estaria no centro com fios a ligarem-no a muitas outras experiências.	Discordo Totalmente	1	2	3	4	5	Concordo Totalmente
15. A minha história de vida pode ser dividida em dois capítulos principais: um antes e outro depois deste acontecimento ter sucedido.	Discordo Totalmente	1	2	3	4	5	Concordo Totalmente
16. Este acontecimento mudou a minha vida de forma permanente.	Discordo Totalmente	1	2	3	4	5	Concordo Totalmente
17. Frequentemente penso nos efeitos que este	Discordo	1	2	3	4	5	Concordo

acontecimento terá no meu futuro.	Totalmente						Totalmente
18. Este acontecimento foi um ponto de viragem na minha vida.	Discordo	1	2	3	4	5	Concordo
	Totalmente						Totalmente
19. Se não me tivesse acontecido isto, eu hoje seria uma pessoa diferente.	Discordo	1	2	3	4	5	Concordo
	Totalmente						Totalmente
20. Quando reflito sobre o meu futuro, lembro-me deste acontecimento frequentemente	Discordo	1	2	3	4	5	Concordo
	Totalmente						Totalmente

Anexo 5

(Early Memories of Warmth and Safeness Scale)

EMWSS

(Richter, Gilbert e McEwan, 2009)

(Tradução e Adaptação de Matos, M. e Pinto-Gouveia, J., 2010)

(Versão Portuguesa de Matos, M., Pinto-Gouveia, J. e Duarte, C., 2011)

Instruções:

Esta escala explora algumas das memórias emocionais da nossa infância. Em baixo, encontra-se um conjunto de afirmações relativas a sentimentos e emoções que possa ter tido quando era criança.

Por favor, leia cuidadosamente cada item e faça um círculo em torno do número à direita da frase que melhor descreve as suas emoções durante a infância. Use a escala abaixo indicada.

0 = Não, nunca	1 = Sim, mas raramente	2 = Sim, algumas vezes	3 = Sim, frequentemente	4 = Sim, a maior parte do tempo
1. Sentia-me seguro e protegido.			0 1 2 3 4	
2. Sentia-me valorizado pela minha maneira de ser.			0 1 2 3 4	
3. Sentia-me compreendido.			0 1 2 3 4	
4. Sentia-me aconchegado pelas pessoas à minha volta.			0 1 2 3 4	
5. Sentia-me à vontade a partilhar os meus sentimentos e pensamentos com as pessoas à minha volta.			0 1 2 3 4	
6. Sentia que as pessoas gostavam da minha companhia.			0 1 2 3 4	
7. Sabia que podia contar com a empatia e compreensão das pessoas mais próximas quando estava infeliz.			0 1 2 3 4	
8. Sentia-me calmo e em paz.			0 1 2 3 4	
9. Sentia que era um membro querido da minha família.			0 1 2 3 4	
10. Conseguia facilmente ser amparado/reconfortado por aqueles que me eram próximos quando estava infeliz.			0 1 2 3 4	
11. Sentia-me amado.			0 1 2 3 4	
12. Sentia-me à vontade em recorrer a pessoas importantes para mim para pedir ajuda ou conselhos.			0 1 2 3 4	
13. Sentia-me integrado no grupo de pessoas à minha volta.			0 1 2 3 4	
14. Sentia-me amado mesmo quando as pessoas estavam aborrecidas com algo que eu tinha feito.			0 1 2 3 4	
15. Sentia-me feliz.			0 1 2 3 4	
16. Sentia-me ligado aos outros.			0 1 2 3 4	
17. Sabia que podia contar com aqueles que me eram próximos para me consolar quando eu estava aborrecido/perturbado.			0 1 2 3 4	
18. Sentia que os outros se importavam comigo.			0 1 2 3 4	
19. Tinha um sentimento de pertença.			0 1 2 3 4	
20. Sabia que podia contar com a ajuda daqueles que eram próximos quando estava infeliz.			0 1 2 3 4	
21. Sentia-me descontraído.			0 1 2 3 4	

Anexo 6
(Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe)

QVPM

Paula Mena Matos e M^a Emília Costa, 2001

Versão revista, Forma P

Instruções:

Neste questionário vai encontrar um conjunto de afirmações sobre as relações familiares. Tente **recordar-se dos anos da sua adolescência** e da relação que mantinha com os seus pais nesse período.

Leia atentamente cada uma das frases e assinale com uma cruz (X) a resposta que melhor exprima o modo como se **sentia** com **cada um dos seus pais durante essa época**. Responda em colunas separadas para o **pai** e para a **mãe**, tendo em conta as seis alternativas que se seguem:

Discordo Totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
①	②	③	④	⑤	⑥

	PAI	MÃE
1. Os meus pais estavam sempre a interferir em assuntos que só tinham a ver comigo.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
2. Tinha confiança que a minha relação com os meus pais se iria manter no tempo.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
3. Era fundamental para mim que os meus pais concordassem com aquilo que eu pensava.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
4. Os meus pais impunham a maneira deles de ver as coisas.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
5. Apesar das minhas divergências com os meus pais, eles eram únicos para mim.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
6. Pensava constantemente que não podia viver sem os meus pais.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
7. Os meus pais desencorajavam-me quando queria experimentar uma coisa nova.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
8. Os meus pais conheciam-me bem.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
9. Só conseguia enfrentar situações novas se os meus pais estivessem comigo.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
10. Não valia muito a pena discutirmos, porque nem eu nem os meus pais dávamos o braço a torcer.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥	① ② ③ ④ ⑤ ⑥

	PAI	MÃE
11. Confiava nos meus pais para me apoiarem em momentos difíceis da minha vida.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
12. Estava sempre ansioso(a) por estar com os meus pais.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
13. Os meus pais preocupavam-se demasiadamente comigo e intrometiam-se onde não eram chamados.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
14. Em muitas coisas eu admirava os meus pais.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
15. Eu e os meus pais éramos como se fôssemos um só.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
16. Em minha casa era problema eu ter gostos diferentes dos meus pais.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
17. Apesar dos meus conflitos com os meus pais, tinha orgulho neles.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
18. Os meus pais eram as únicas pessoas importantes na minha vida.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
19. Discutir assuntos com os meus pais era uma perda de tempo e não levava a lado nenhum.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
20. Sabia que podia contar com os meus pais sempre que precisasse deles.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
21. Fazia tudo para agradar aos meus pais.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
22. Os meus pais dificilmente me davam ouvidos.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
23. Os meus pais tiveram um papel importante no meu desenvolvimento.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
24. Tinha medo de ficar sozinho(a) se um dia perdesse os meus pais.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
25. Os meus pais abafavam a minha verdadeira forma de ser.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
26. Não era capaz de enfrentar situações difíceis sem os meus pais.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
27. Os meus pais faziam-me sentir bem comigo próprio(a).	① ② ③ ④ ⑤ ⑥	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
28. Os meus pais tinham a mania que sabiam sempre o que era melhor para mim.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
29. Se tivesse ido estudar para longe dos meus pais, ter-me-ia sentido perdido(a).	① ② ③ ④ ⑤ ⑥	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
30. Eu e os meus pais tínhamos uma relação de confiança.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥	① ② ③ ④ ⑤ ⑥

Anexo 7
(Questionário de Vinculação Amorosa)

UNIVERSIDADE DO PORTO
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

QVA

(Paula Mena Matos e Maria Emília Costa, 2001)

Versão para Investigação - FORMA C

Instruções:

Este questionário procura descrever diferentes maneiras de as pessoas viverem as relações amorosas. Leia atentamente cada uma das frases e assinale com um círculo a resposta que melhor exprime o modo como se sente na relação com **o seu companheiro** ou, caso no presente não esteja numa relação, como se sentiu na relação com um ex-companheiro.

Para cada frase deverá responder de acordo com as seis alternativas que se seguem:

Discordo totalmente 1	Discordo 2	Discordo moderadamente 3	Concordo moderadamente 4	Concordo 5	Concordo totalmente 6
--------------------------	---------------	-----------------------------	-----------------------------	---------------	--------------------------

1. O meu companheiro respeita(ou) os meus sentimentos. 1 2 3 4 5 6
2. Fico/Ficava muito nervoso se não consigo/conseguia encontrar o meu companheiro quando preciso/precisava dele. 1 2 3 4 5 6
3. O apoio dele não é/era importante para mim. Sei que sou/era capaz de resolver as coisas sozinho. 1 2 3 4 5 6
4. Gostava de ser a pessoa mais importante para ele, mas não estou certo de que assim seja/fosse. 1 2 3 4 5 6
5. O meu companheiro compreende-me/compreendia-me. 1 2 3 4 5 6
6. Só consigo/conseguia enfrentar situações novas, se ele estiver/estivesse com 1 2 3 4 5 6
7. É-me/Foi-me indiferente, quando ele prefere/preferiu passar o tempo com outras pessoas. 1 2 3 4 5 6
8. Às vezes sinto/sentia admiração por ele; outras vezes não. 1 2 3 4 5 6
9. Fico/Ficava irritado quando combinamos/combinávamos coisas juntos e ele não pode/podia estar comigo. 1 2 3 4 5 6
10. Não sei/sabia o que me vai/ia acontecer se um dia a nossa re 1 2 3 4 5 6
terminar/terminasse.

11. Na minha vida, a minha relação amorosa é/foi secundária. 1 2 3 4 5 6
12. Sei/sabia que posso/podia contar com o meu companheiro sempre que precisar/precisasse dele. 1 2 3 4 5 6
13. Sinto-me/Senti-me posto de lado, quando ele decide/decidia passar o tempo com outras pessoas. 1 2 3 4 5 6
14. Discutir assuntos com ele é/foi uma perda de tempo e não leva(va) a lado ner 1 2 3 4 5 6
15. Quando não podemos/podíamos estar juntos, sinto-me/sentia-me abandonado. 1 2 3 4 5 6
16. Para me sentir bem comigo próprio, são/eram mais importantes outras coisas do que o meu companheiro. 1 2 3 4 5 6
17. Desagrada-me/Desagradava-me a maneira de ser do meu companheiro. 1 2 3 4 5 6
18. Sei/Sabia que, se a minha relação terminar/terminasse, isso não me vai/ia a muito. 1 2 3 4 5 6
19. Ele dá-me/deu-me coragem para enfrentar situações novas. 1 2 3 4 5 6
20. Fico/Ficava furioso quando preciso/precisava do apoio do meu companheiro e não posso/podia contar com ele. 1 2 3 4 5 6
21. Eu e o meu companheiro é/era como se fôssemos um só. 1 2 3 4 5 6
22. Fico/Ficava muito nervoso quando penso/pensava que posso/podia perder o meu companheiro. 1 2 3 4 5 6
23. Prefiro/Preferia que ele me deixe/deixasse em paz e não ande/andasse sempre atrás de mim. 1 2 3 4 5 6
24. Não gosto/gostava de lhe pedir apoio porque sei /sabia que nunca me compreende 1 2 3 4 5 6
25. Ele tem/teve uma importância decisiva na minha maneira de ser. 1 2 3 4 5 6
26. Tenho/Tive sempre a sensação de que a nossa relação vai/ia terminar. 1 2 3 4 5 6
27. Sempre achei que, apesar de gostar do meu companheiro, não vou/ia sentir muito a falta dele se a relação terminar/terminasse. 1 2 3 4 5 6
28. Às vezes acho/achei que ele é/era fundamental na minha vida; outras vezes r 1 2 3 4 5 6
29. Confio/Confiava nele para me apoiar em momentos difíceis da minha vida. 1 2 3 4 5 6
30. Quando tenho/tinha problemas, nem sempre gosto/gostava de procurar o meu companheiro. 1 2 3 4 5 6
31. Tenho/tive dúvidas se sou/era realmente importante para ele. 1 2 3 4 5 6
32. Quando não podemos/podíamos estar juntos, eu não sei/sabia o que fazer. 1 2 3 4 5 6
33. Quando tenho/tinha um problema, só o facto de pensar nele põe-me/punha-me mais calmo. 1 2 3 4 5 6
34. Não preciso/precisava dos cuidados do meu companheiro. 1 2 3 4 5 6

35. O meu companheiro faz-me/fez-me sentir bem comigo próprio. 1 2 3 4 5 6
36. Ele desilude-me/desiludiu-me muitas vezes. 1 2 3 4 5 6
37. As minhas conversas com ele não me trazem/trouxeram nada de novo. 1 2 3 4 5 6
38. Quando vou/ia a algum sítio desconhecido, sinto-me/sentia-me melhor se ele estiver/estivesse comigo. 1 2 3 4 5 6
39. Apesar da minha relação ser importante, muitas vezes sinto-me/sentia-me sozinho. 1 2 3 4 5 6
40. Quando algo de grave acontece/acontecia comigo, prefiro/preferia não estar perto dele. 1 2 3 4 5 6
41. Ele não me dá/deu a atenção que eu gostaria. 1 2 3 4 5 6
42. O meu companheiro aceita-me/aceitou-me como eu sou/era. 1 2 3 4 5 6
43. Apesar de haver coisas de que não gosto/gostava no meu companheiro, no fundo eu gostaria de ser como ele. 1 2 3 4 5 6
44. Quando tenho/tinha um problema, prefiro/preferia ficar sozinho a procurar o meu companheiro 1 2 3 4 5 6
45. Não me preocupa(va) se não pudermos/podíamos estar juntos durante as férias 1 2 3 4 5 6
46. Gostava que ele me ligasse mais. 1 2 3 4 5 6
47. Tenho/tinha medo de ficar sozinho, se perder/perdesse o meu companheiro. 1 2 3 4 5 6
48. As relações terminam sempre; mais vale eu não me envolver. 1 2 3 4 5 6
49. O meu companheiro só pensa(va) em si próprio. 1 2 3 4 5 6
50. É/Era fundamental para mim que ele concorde/concordasse com aquilo que eu penso. 1 2 3 4 5 6
51. Ele é/foi apenas mais uma das pessoas com quem estou/estive no dia-a-dia. 1 2 3 4 5 6
52. O meu companheiro incentiva-me/incentivou-me a fazer coisas diferentes. 1 2 3 4 5 6